

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

Lucas Natan Leite Goulart

**TORNANDO-SE PROFESSOR VIRTUAL EM TEMPO DE PANDEMIA:
REFLEXÕES SOBRE AULAS COLETIVAS ONLINE**

Porto Alegre
2020

Lucas Natan Leite Goulart

**TORNANDO-SE PROFESSOR VIRTUAL EM TEMPO DE PANDEMIA:
REFLEXÕES SOBRE AULAS COLETIVAS ONLINE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientadora: Prof^a Raquel da Silveira

Porto Alegre
2020

**TORNANDO-SE PROFESSOR VIRTUAL EM TEMPO DE PANDEMIA:
REFLEXÕES SOBRE AULAS COLETIVAS ONLINE**

Conceito final:

Aprovado em _____ de _____ de 2020.

Banca examinadora:

Avaliador: Prof. Dr. Mauro Myskiw - UFRGS

Orientadora: Prof^a. Dra. Raquel da Silveira – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Há coisas na vida que nem sempre são tão fáceis como parecem, nem tão difíceis que não possam ser superadas. Durante minha vida, muitas coisas aconteceram que me alegram e, por vezes, entristeceram-me. Porém, nunca deixei de lutar para alcançar os meus sonhos. Sei que demorou, mas cheguei a um momento único na minha vida, que é a graduação no ensino superior.

Durante toda essa trajetória, muitas pessoas contribuíram de alguma forma para que eu tivesse êxito. Queria eu ter o poder de citar o nome de cada uma delas aqui. Como isso não é possível, dedico a minha tão sonhada vitória a essas pessoas que sempre estiveram perto de mim e nunca deixaram eu desistir dos meus sonhos.

Primeiramente, quero deixar meus agradecimentos à Deus, por ter me oportunizado e proporcionado esse momento tão importante em minha vida.

Agradecer também a minha avó Teresinha (em memória), que, infelizmente, não está mais aqui comigo, mas foi a pessoa que me educou e me ensinou muitas coisas importantes na vida. Sei, que de onde quer que você esteja, estará sempre me vigiando e cuidando cada passo que dou. Amor eterno por ti.

A minha mãe, que é uma guerreira na vida. Uma mulher que nunca mediu esforços para me dar o melhor em tudo. Pessoa que sempre acreditou e apostou em mim. Mãe, obrigado por ter feito o melhor que podia fazer para me dar uma vida digna e honesta. Um dia, espero poder retribuir tudo que fizestes por mim.

Ao meu pai que sempre me disse: “filho, o conhecimento ninguém poderá tirar de ti”. Essa fala impactou tanto a minha vida, que a cada dia eu luto para adquirir mais conhecimentos e, em algum momento, alcançar as vitórias que almejo. Pai, obrigado por cada ensinamento e incentivo que me deu até hoje. Sei que sempre apostou muito em mim.

A minha namorada Tayla que esteve comigo nos dias mais importantes e difíceis durante a fase de conclusão deste curso. Sempre me incentivando e dizendo para eu não desistir. Amor, obrigado por cada gesto de carinho e apoio que me deu nos momentos que mais precisei. Serei eternamente grato por ter você ao meu lado nesse momento.

Agradecer aos meus irmãos Gabriel, Samuel, Camili e Simão. Juntamente com minhas cunhadas Ana Paula e Eliane, meu afilhado Joaquim, ao meu eterno

padrasto Rolnei, aos meus avós Valério e Marta, e aos outros amigos e alunos, que de alguma forma, contribuíram para a minha vitória.

Ao meu amigo Maurício por ter me ajudado em todos os momentos que precisei. Assim como minhas amigas Renata, Naila e Gislaine, as quais contribuíram diretamente na construção desse trabalho, dando-me todo suporte nos momentos mais complicados.

A minha orientadora Raquel, que não mediu esforços para me ajudar a chegar aonde eu cheguei. Enfrentou todas as dificuldades comigo e sempre me incentivou dizendo que eu era capaz. Prof, obrigado por ter aceitado esse desafio!

Agradecer também aos entrevistados, que me deram toda a condição de construir esse trabalho. Sem a presença de vocês, nada disso seria possível.

Pai, mãe, Tay, irmãos, Joca e avós: Amo muito vocês!

Deus, obrigado por ter me dado uma família tão linda e unida.

RESUMO

O objetivo desse trabalho foi o de investigar a transição dos professores que davam aulas coletivas presencial e migraram para as aulas coletivas online no período da pandemia. Com esse estudo, buscou-se saber: o que mudou na rotina de cada entrevistado; quais foram os maiores desafios das aulas online; as estratégias que adotaram para fazer as transmissões das aulas; a aceitação dos alunos; saber se continuarão com o projeto online, mesmo depois que passar o período de isolamento; e o retorno após meses dando aulas virtuais. Essa análise foi realizada através de pesquisa qualitativa, utilizando como ferramenta metodológica a entrevista semiestruturada. Para isso, foram entrevistados três professores de aulas coletivas que trabalham na cidade de Porto Alegre/RS. Através desse trabalho, foi possível constatar que a rotina dos entrevistados mudou bastante, pois dois, dos três entrevistados, transmitiam as aulas de suas casas. O terceiro, mesmo gravando as aulas de uma academia, utilizava apenas um dia da sua semana para gravar todas as aulas, diminuindo assim, o ritmo intenso que tinha antes da pandemia. Os maiores desafios encontrados foram: a falta da interação com os alunos; encontrar a melhor estratégia para transmitir as aulas e reter os alunos por um período tão longo de tempo nas aulas virtuais. Enfim, posso concluir que a rotina dos professores mudou bastante no período da pandemia, porém não deixou menos trabalhoso o seu dia, pois as aulas online também demandam bastante engajamento e tempo para planejar, estruturar e executar as aulas. A aceitação dos alunos foi muito boa no início da pandemia, mas foi diminuindo a presença deles nas aulas, gradativamente, conforme os meses foram passando. Diante disso, todos os professores pretendem continuar com o trabalho online, porém, contarão apenas como uma renda extra no seu salário, pois ainda não enxergam as aulas online como algo concreto na vida das pessoas.

Palavras chaves: aulas online coletivas; pandemia do coronavírus; atuação profissional

ABSTRACT

The objective of this work was to investigate the transition of teachers who gave collective classes in person and migrated to online collective classes during the pandemic period. With this study, we sought to know: what changed in the routine of each interviewee; what were the biggest challenges of online classes; the strategies they adopted to make the transmissions of the classes; acceptance of students; whether they will continue with the project online, even after the isolation period has passed; and return after months giving virtual lessons. This analysis was performed through qualitative research, using the semi-structured interview as a methodological tool. For this, three teachers of collective classes working in the city of Porto Alegre/RS were interviewed. Through this work, it was possible to verify that the interviewees' routine changed a lot, because two of the three interviewees transmitted the classes from their homes. The third, even recording the classes of a gym, used only one day of his week to record all classes, thus decreasing the intense rhythm he had before the pandemic. The greatest challenges encountered were: the lack of interaction with students; find the best strategy to broadcast the classes and retain students for such a long period of time in the virtual classes. Anyway, I can conclude that the routine of teachers has changed a lot in the period of the pandemic, but it has not left less laborious their day, because online classes also require a lot of engagement and time to plan, structure and execute the classes. The students' acceptance was very good at the beginning of the pandemic, but gradually decreased their presence in the classes as the months went by. Therefore, all teachers intend to continue with online work, but will count only as an extra income in their salary, because they still do not see online classes as something concrete in people's lives.

Keywords: collective online classes; coronavirus pandemic; professional performance

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
3 DIAS ATUAIS: PANDEMIA	23
4 METODOLOGIA	30
5 IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE AULAS COLETIVAS: ESTUDOS DE CASO.....	33
5.1 TRAJETÓRIAS E SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO ANTES DA PANDEMIA.	33
5.2 ROTINA DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA.....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICE A – ESTRUTURA E ROTEIRO DAS PERGUNTAS APLICADAS NA ENTREVISTA.....	64
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	66

1 INTRODUÇÃO

Há meses, estamos passando por uma pandemia que a grande maioria da população mundial jamais tinha passado. Desde o final de 2019, estamos convivendo com um vírus que é chamado de novo coronavírus (COVID19). Ele teve seu epicentro numa cidade chinesa e de lá se espalhou pelo mundo.

Aqui no Brasil, mais precisamente na cidade de Porto Alegre, a rotina das pessoas começou a mudar drasticamente no mês de março, quando o primeiro decreto foi publicado e ordenou o fechamento de muitos estabelecimentos, mantendo apenas as atividades que eram consideradas essenciais para a população.

Com esses fechamentos, a rotina da grande maioria das pessoas mudou bastante. Muitas tiveram suas cargas horárias de trabalho reduzidas, outras foram dispensadas e outras assumiram a função de trabalhar diretamente das suas casas (home office).

Por conta desse cenário, as pessoas que praticavam atividades físicas em academias, clubes e até mesmo ao ar livre foram afetadas diretamente, pois ficaram sem esses ambientes para as suas práticas. Por muito tempo, chegou-se a discutir se esses locais não deveriam estar entre os serviços essenciais, por consequência estariam abertos, já que são relacionados diretamente com a área da promoção da saúde. Porém, optou-se por manter esses estabelecimentos fechados, diminuindo assim, a chance de maior propagação do vírus.

Do outro lado, estavam alguns professores das academias que não poderiam dar suas aulas também. Para aqueles que tinham algum vínculo empregatício, de alguma forma, estavam assegurados pela lei trabalhista. Porém, uma parcela dos professores que atuam em academias trabalha na informalidade. Por exemplo, o personal trainer e os professores de aulas coletivas.

Cada um, a sua maneira, reinventou-se para continuar desempenhando as suas funções. No caso específico de alguns professores de ginásticas coletivas, eles também migraram para o sistema home office e, através das aulas virtuais, continuaram desempenhando o seu trabalho.

Para buscar inspiração, com a finalidade de pesquisar sobre esse tema, eu usei da minha experiência nas aulas coletivas e levei em conta as reinvenções que

tive de fazer na minha vida pessoal e profissional por conta da pandemia. Isso me instigou a investigar a vida pessoal e profissional de outros colegas, a fim de saber como eles reagiram e se comportaram com a crise na saúde que afetou diretamente nossas vidas.

Baseado nesse novo cenário de aulas virtuais, as quais também pude vivenciar, este trabalho tem o objetivo de investigar a transição dos professores que davam aulas coletivas presenciais e migraram para as aulas coletivas online no período da pandemia. Entendo como importante essa investigação, pois ela mostrará uma prática que poucos professores e alunos têm experiência.

Com os dados deste trabalho, pude analisar como era a rotina desses professores; assim como saber os desafios que encontraram; quais estratégias adotaram para as transmissões das aulas; saber como os alunos aceitaram esse novo desafio; se os professores pretendem continuar com as aulas online; e saber como foi o retorno das aulas presenciais depois de um longo período somente com as aulas virtuais.

Para me ajudar a entender esse novo cenário, selecionei três professores que trabalham com aulas coletivas na cidade de Porto Alegre/ RS. Eles são do meu vínculo de convívio e os conheço há pelo menos quatro anos. Eu os escolhi, pois sei que desempenham trabalhos bem consolidados em academias com aulas coletivas há bastante tempo e terão condições de relatar suas experiências profissionais.

Por questões éticas, atribui nomes fictícios a todos. Optei por essa estratégia para evitar qualquer tipo de exposição dos professores e dar plena liberdade e tranquilidade para dialogarem sobre suas experiências. Para essa análise, desenvolvi uma pesquisa qualitativa, utilizando como ferramenta metodológica a entrevista semiestruturada.

Após as entrevistas, sistematizei os resultados, dividindo-os em três tópicos: (1) Trajetórias e suas relações de trabalho antes da pandemia; (2) Rotina de trabalho durante a pandemia; (3) O retorno das aulas presenciais.

Nesse primeiro tópico, irei explorar a sua trajetória pessoal e profissional no universo das aulas coletivas. Após, detalharei o trabalho durante a pandemia (onde trabalha, quantas aulas por dia, remuneração, dentre outros levantamentos). Com esses dados, poderei conhecê-los melhor e traçar as suas vidas antes do período pandêmico.

No segundo tópico, irei questioná-los sobre as suas vidas profissionais durante a pandemia. Esse momento será um dos mais importantes da entrevista, ao meu ver, pois aparecerão elementos novos dentro do universo das aulas coletivas. Como eu já havia dito anteriormente, essa modalidade de aulas coletivas virtuais, não é algo comum na vida das pessoas e, por isso, é tão importante investigá-la e saber o comportamento dos professores e os desafios que estão encontrando nesse novo cenário.

Por fim, no terceiro tópico, irei investigar como está sendo o retorno para as aulas presenciais e quais são os projetos desses professores para com as aulas virtuais.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As academias de ginástica e musculação, há anos, vêm fazendo parte do nosso cotidiano. Estamos inseridos numa cultura que fala diariamente em frequentar esse ambiente. Por vezes, fala-se em ir nessas academias para perder peso; em outros para alcançar o sonho da definição muscular, melhorar a saúde; e, em outros momentos, buscar “o convívio social”.

Segundo Cunha (1999), os motivos que levam as pessoas a frequentarem academias são muitos. Elas as procuram para a melhoria da saúde, da condição física, para a busca do relaxamento, descarregar as energias e higiene mental. Há também, as que procuram por recomendação médica e para o uso como espaço de lazer.

No trabalho de Marcelino (2003), as academias de ginástica passam a ter uma grande relação com os interesses sociais dos seus pertencentes e praticantes, mesmo que não instituídas com essa finalidade, se tornam e passam a ser consideradas um espaço de convivência e vivência do lazer, para além dos aspectos físico-esportivos e específicos do exercício físico.

De acordo com Martins (2008), atualmente, é expressiva a quantidade de pessoas que procuram academias. Assim como, o número de academias que oferecem seus serviços nas mais diversas modalidades, sendo que essas instituições se transformam em verdadeiras empresas que disputam espaço no competitivo mercado do *Fitness*.

Ao adentrarmos nesse ambiente fitness, deparamo-nos, normalmente, com dois espaços: a sala de musculação e a sala de ginástica. A primeira é tradicionalmente equipada com aparelhos e algum espaço físico para a prática de exercícios livres. A outra, é um espaço livre que é utilizada para aulas coletivas. Essas práticas em grupo, normalmente, são realizadas com um número alto de alunos de acordo com o tamanho da sala.

Segundo Hansen e Vaz (2004, p. 140): “constatamos outra característica intrigante da grande academia, relacionada a um certo *culto à máquina*”. Com esse posicionamento, os autores acreditam que chegamos ao ponto de que as máquinas são mais importantes que as pessoas. Nesse estudo, o relato de uma professora chama a atenção:

Aqui não faz diferença se sou eu que tô aqui ou se é qualquer um outro que tá aqui trabalhando, entendeu! Eles dão muito valor pro maquinário lá em cima, pras pessoas, e pra equipe não". (Flávia, professora da grande academia).

Ao analisarmos o relato da professora, podemos notar que se perdeu muito do contato humano durante o treinamento. Ela também afirma que os alunos valorizam mais as máquinas do que a pessoa que está à disposição para auxiliá-los. Essa independência e, por consequência, a não procura pelo profissional na sala, deve-se, dentre outros aspectos, pela facilidade no acesso à informação que se têm através de plataformas digitais e alguns influenciadores fitness que mostram seus treinamentos nas mídias sociais. Os alunos, muitas vezes, sem o devido conhecimento técnico, aderem aos serviços na internet baseados em aulas prontas. Após, os levam para a academia para usar como modelo de treinamento. Com isso, dispensam o auxílio do profissional que está a sua disposição.

as campanhas *online* conduzidas pelas musas adaptam-se, logo, à cultura dos seus seguidores, mobilizando um potencial e considerável mercado consumidor²⁰ diluído pelas redes sociais, dentre as quais o Instagram, uma plataforma que se adequa perfeitamente ao objetivo de ambos os agentes – musas e indústria – apresentando ao usuário um forte apelo visual (decorrente das fotos publicadas pelo aplicativo/*website*) aliado à manutenção do capital social das personalidades envolvidas através da visibilidade, reputação, popularidade e autoridade adquiridas pelas mesmas em decorrência do estilo de vida *fitness* (SOBREIRA, 2017, p. 40).

Além disso, Hansen e Vaz (2004) também chamam a atenção para aquele perfil de aluno (como exemplo, o fisiculturista), que possui um bom conhecimento na periodização de treinamento e um bom desenvolvimento da musculatura. Esse aluno, por conta do seu aporte e conhecimento prático, acaba disputando o lugar do profissional na sala de musculação na hora de orientar os alunos. Aliás, muitos alunos mostram preferência em receber orientações de alguém que se apresenta melhor fisicamente.

Esse cenário que foi citado por Hansen e Vaz é comum nas academias, pois não é difícil ver um profissional de educação física perder sua autoridade para um aluno bem desenvolvido fisicamente. Esse desenvolvimento muscular, aos olhos de alguns alunos, parece ser mais importante que o conhecimento técnico do profissional. Por isso, alguns profissionais cuidam de seus corpos, para se manterem como referência nas salas de musculação e ginástica.

Para corroborar com a cobrança que se faz pelo corpo ‘perfeito’, trago o trecho de um trabalho Maroun e Vieira:

Apesar de o corpo ter sido deixado de lado ao longo da história pelo racionalismo humano, ele sempre ressuscita. O que não é diferente nos dias de hoje. Cada vez mais o corpo é alvo de grandes preocupações e questionamentos. Assistimos, especialmente nos grandes centros urbanos do mundo ocidental, uma crescente glorificação do corpo, com ênfase cada vez maior na exibição pública do que antes era escondido e, aparentemente, mais controlado (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 174).

Por conta desse tipo de situação e a busca pela manutenção do seu valor como profissional, o professor de educação física deve ter um elevado conhecimento técnico da sua área de atuação. Conforme Saba (2006), o professor com boa capacidade técnica passa uma credibilidade maior aos seus alunos, fazendo-os treinarem com maior empenho, atingindo assim, de maneira mais rápida, seus objetivos. Ademais, Saba (2006), ressalta a necessidade de o profissional sempre estar se atualizando, a fim de ter respaldo científico das metodologias aplicadas no treinamento dos alunos.

Nos parágrafos anteriores, tratamos assuntos que englobaram: os alunos e seus objetivos; estrutura das academias; perfil dos professores; mercado de trabalho; dentre outros. Daqui para frente, direcionaremos nossos estudos, mais especificamente, aos profissionais que atuam em aulas coletivas.

Conforme Coelho Filho (2000), nas décadas de 1980 e 1990 as aulas coletivas tiveram seu auge por conta da ascensão da Ginástica Aeróbica. Em algum momento, você já deve ter visto ou escutado falar dessa modalidade, devido ao reconhecimento que essa prática teve no mundo *fitness*. Acredito que vários pontos marcaram esse grande sucesso, tais como: as roupas coloridas; os passos muito bem coreografados; as competições que foram criadas. Tudo isso fez com que a Ginástica Aeróbica não caísse no esquecimento das pessoas.

Sabendo desse sucesso, de acordo com Coelho Filho (2009), os empresários, tendo consciência do aumento do “consumo fitness”, cada vez mais investem em ambientes atrativos e em boa qualidade no espaço físico. Além disso, acompanham o dinamismo de como diversas modalidades coletivas surgem no mercado e colocam essas novidades a disposição de seus clientes. O resultado disso é a necessidade de profissionais específicos em algumas modalidades.

Diferentemente da prática individual da musculação, as atividades coletivas demandam de uma proximidade entre os participantes. Como citado anteriormente, a apresentação do professor é totalmente diferente da apresentada na musculação. Segundo Furtado (2007, p. 311), as aulas de ginástica são “aulas-show”, as quais possuem equipamentos de iluminação, decoração e sonorização que favorecem ao ‘espetáculo’ e desempenham um papel importante na sedução do cliente.

Outro elemento que parece ser importante nessas aulas coletivas, é à afinidade entre professor/aluno e aluno/aluno. Essa aproximação parece ser fundamental para o sucesso. Para Manfro (2018), uma das dimensões simbólicas de proximidade na academia são as salas de aulas coletivas:

Temos boa aderência do pessoal nas aulas oferecidas, mas se tratando de fidelização de alunos, a turma que se reúne nas aulas de power local e alongamento são as mais fiéis. As alunas possuem um grupo no whatsapp para organizarem eventos na academia, como os aniversários, além de organizarem encontros do grupo das “Luluzinhas”, como se autonomaram (MANFRO, 2018, p. 48).

Para Coelho Filho (2009), as transformações no mundo do trabalho e o aumento da concorrência no universo do *fitness* fizeram com que os profissionais de ginástica em academia passassem a se preocupar cada vez mais com a autoimagem pública e buscassem por aulas padronizadas. Atualmente, a empresa Zumba Fitness traz essa padronização nas aulas. Todos os meses, em praticamente todo o mundo, os professores afiliados recebem o mesmo material de coreografias que são aplicadas em suas aulas. Dessa forma, por mais que o aluno troque de academia, perceberá a semelhança das coreografias.

Essa padronização das aulas acaba por favorecer possíveis trocas sem impactar a turma. Obviamente, há toda a relação de convívio entre alunos e professor, mas na necessidade da troca, será mais fácil a substituição. Para a empresa, que está atrelada a sua finalidade de lucro, parece ser interessante essa padronização, pois em caso de possíveis trocas, encontrará com maior facilidade outro profissional. Conforme Toledo, Pires, (2008, p. 51): “é fato que num programa em que as aulas são iguais é muito fácil substituir professores”.

Para Pereira (1996), o professor de ginástica deve possuir características importantes para fidelizar seus alunos, como: ser uma pessoa criativa; ter boa

fluidez na comunicação; ser prestativo; se preocupar com as ausências; saber o nome dos seus alunos; ser amável; e o principal: conseguir animá-los.

Como observam Liz *et. al.* (2010), um dos pilares para o sucesso de qualquer programa de exercício físico está relacionado à motivação. É evidente que nas aulas coletivas se destaca muito o fator motivacional, porém não podemos deixar que a parte técnica seja esquecida. A soma do fator técnico, mais os fatores motivacionais tendem a destacar, positivamente, a aula desse professor.

Por mais que nos estudos de Pereira (1996) mostre que uma das características do professor de ginástica seja a de animar os alunos, há professores que se sentem prejudicados por conta desse ‘perfil ideal’ para ministrar aulas coletivas.

Num dos trechos da pesquisa de Coelho Filho (2009), um professor entrevistado coloca que o ponto que interfere negativamente na sua vida profissional, é justamente a incompatibilidade com o estilo de animador:

Para Bruno, o que interfere negativamente na avaliação de sua prática na academia do Grajaú é a insatisfação da clientela e sua incompatibilidade com o estilo de animador, que tanto clientes quanto proprietários das grandes academias esperam do profissional de ginástica (COELHO FILHO, 2009, p. 9).

Essa preferência pelo ‘professor animador’, acaba excluindo pessoas que não têm esse perfil e pode abrir espaço para a entrada de pessoas que não são educadores físicos. Além disso, alguns empresários não pautam na sua escolha de contratação o fato de quem for ministrar a aula é ou não é professor de educação física. A preocupação deles está em ter as salas das academias cheias, independente de quem esteja dando a aula.

No momento mesmo em que se questiona a presença de profissionais “não-habilitados-em-nível-superior” no mundo de trabalho das academias de ginástica, o profissional habilitado contraditoriamente se aproxima da figura do animador sociocultural de nível técnico (COELHO FILHO, 2009, p. 13).

Levando em consideração o que foi falado sobre aquelas pessoas que não são da educação física e mesmo assim ministram algumas aulas fitness, podemos citar, novamente, o caso da Zumba. Essa modalidade vende a ideia de que qualquer um pode ministrar esse tipo de aula. Essa situação ocorre, pois, a empresa que capacita os novos instrutores, informa no curso, que os futuros instrutores não

precisam ser da área para ministrar essas aulas nas academias, porém há divergência com o Conselho Regional de Educação Física (CREF) quanto a necessidade ou não de ser educador físico. Inclusive há relatos de instrutores de Zumba que já foram autuados pelo CREF pelo exercício ilegal da profissão.

Infelizmente, essa 'invasão' acaba por desvalorizar aquele profissional que passou anos dentro da universidade. Além disso, coloca-se em dúvida a real necessidade de ser formado em Educação Física (Educação física) para poder dar aulas coletivas. Isso acontece, pois não é difícil ver pessoas que não são da área atuando no lugar desse profissional habilitado. Podemos citar como exemplo: pessoas sem graduação atuando em academias como personal; professor de ginástica coletiva sem a devida graduação; dentre outras.

Esse relato evidencia que está se perdendo a necessidade de ter um professor de educação física em determinadas áreas, pois parece que o ensinar já não é mais uma das prioridades. Hoje, aparentemente, prioriza-se o melhor para a empresa e não mais ao aluno e muito menos ao professor. Enfim, a lógica do mercado capitalista parece imperar sobre o papel da profissão.

No trabalho de Coelho Filho (2009), o qual faz uma reflexão sobre a prática profissional nas academias de ginástica, um dos apontamentos é de que no momento que temos muitas pessoas para poucas vagas, o empregador, no sentido da lei de oferta e procura, acaba colocando baixos valores pelas aulas dadas e, normalmente, com a falta da formalização de qualquer tipo de contrato.

No seu material, Coelho Filho (2009) observa o depoimento de um senhor que se encontra na faixa dos sessenta anos de idade e é autoridade no meio profissional da ginástica em academia no Brasil. A fala dele vai ao encontro do que foi dito sobre a informalidade de muitos contratos na área da ginástica.

Eu aconselho todos a sempre pagarem como autônomo. Por pouco que seja, mas quebra um galhinho. [...] Esse é o problema do professor, ele é autônomo, ou então, tendo uma academia, você paga como pessoa jurídica e física, e se aposenta daí. Ou então você trabalha numa academia qualquer, quando pagam para você, quando regularizam sua situação, que normalmente não é regularizado. Você tem que pagar como autônomo, porque não é regularizado, você não tem garantia nenhuma. É um problema isso, é um problema sério (COELHO FILHO, 2009, p. 6).

Quanto ao papel dos professores de ginástica coletiva durante as aulas, a maioria dos autores citados até o momento nesse referencial, parecem compartilhar

da mesma crítica. Para eles, o profissional não desempenha o seu papel técnico durante as aulas.

Vale observar, nesse ponto, que o professor de ginástica também deveria assumir essa postura de orientar, corrigir, contudo, “parece que na grande academia não faz parte do script do profissional corrigir” (COELHO FILHO, 2007, p. 98).

Coelho Filho (2009), concluiu que o profissional de ginástica da academia, em alguns casos, não toma os devidos cuidados quanto a individualidade de cada aluno. Simplesmente trata todos da mesma maneira, como se os fossem providos das mesmas condições físicas.

Nesse último trecho, aparentemente soa como se o profissional estivesse falhando nas suas aulas, porém essa responsabilidade não gira somente em torno do professor. Essa responsabilidade vai muito além: ela começa pelo setor de vendas (que tem como objetivo o de vender, sem se preocupar com fatores técnicos e capacidade de alunos nas aulas) e termina com o comportamento do professor, que, muitas vezes, não cumpre seu papel técnico.

As aulas coletivas, normalmente, possuem a participação de muitos alunos, os quais, em algumas vezes, chegam após o início da aula. Além disso, o professor dessas aulas, dificilmente é professor fixo nas academias. A grande maioria sai de um lugar e vai direto para outro. Por vezes, sequer conseguem ir ao banheiro entre uma aula e outra.

Conforme Freitas et al. (2014, p. 1529): “os profissionais acumulam trabalhos em escolas, clubes ou diferentes academias de ginástica”. Normalmente, isso acontece, pois, os horários das aulas coletivas são bem limitados. Na sua maioria, acontecem no início das manhãs, finais de tarde e/ou início de noite. Por conta disso, esses professores se obrigam a ocupar outras funções durante o dia, passando por mais de um local de trabalho na sua jornada diária.

Com salas cheias, alunos chegando após o início da aula e o excesso de locais que o professor trabalha, acarretam numa série de dificuldades ao profissional. Com essa soma, o professor sem conhecer seus alunos e, em alguns casos, sem ter o domínio técnico, por vezes, abandona os cuidados da técnica e prioriza a motivação para com seus alunos. Essa motivação acaba por tirar o foco do aluno quanto a questão técnica, pois ao mesmo tempo que é motivado, têm-se a

sensação de estar sendo bem assistido pelo profissional, porém o motivar não tem relação direta com ter os cuidados técnicos com o aluno.

Conforme Coelho Filho (2009, p. 20), a competência que é muito valorizada no mercado das grandes academias de ginástica é a da *animação*, que talvez supere a competência técnica. Isso reforça as ideias que já foram citadas aqui de que a motivação/animação, torna-se uma das coisas mais importantes nas aulas.

Espírito-Santo e Mourão (2006) observam que o profissional tem que estar muito bem preparado fisicamente, pois na maioria das atividades coletivas, há a necessidade de o professor realizar a sessão de treinamento juntamente com seus alunos. Portanto, fica inviável um professor 'fora de forma' ministrando esse tipo de aula. Obviamente, não podemos generalizar isso para todas as aulas coletivas, mas na grande maioria há essa exigência.

Além do mais, conforme Coelho Filho (2000, p. 17), "o estereótipo de corpo atlético é um valor orientador da entrada nas academias de ginástica e que a busca do equilíbrio desse corpo surge como uma síntese dos objetivos declarados por seus usuários, como fator de permanência". O indivíduo que busca o corpo ideal se avalia com muita frequência para verificar se está evoluindo. O não sucesso nos resultados, por vezes, faz com que o indivíduo desista dos seus objetivos e abandone o ambiente da academia.

Dessa forma, é frequente nesse universo fitness se questionar: é suficiente para o profissional de educação física ser detentor de conhecimento técnico ou se faz necessário ter também um bom condicionamento físico? Pelo que acompanhamos na maioria das profissões, não há necessidade de o dentista ter os dentes bonitos; o cirurgião plástico ter um corpo bonito; dentre outras. Porém, recomenda-se que tenham cuidados naquela área que é a sua ferramenta de trabalho. Mas perceba: recomenda-se!

Na educação física, essa recomendação que foi citada no parágrafo anterior, torna-se relativa: podemos sim ter um bom instrutor na sala de musculação que está acima do peso, pois teoricamente ele planejará bem os treinamentos e orientará os alunos. Porém, nas aulas coletivas, mesmo que essa pessoa seja um excelente profissional tecnicamente, essa limitação física provavelmente lhe limitaria no quesito intensidade, e isso poderia fazer com que a aula perdesse em qualidade e desestimulasse os alunos.

Conforme Vilhena *et al.* (2012), com relação à carreira no âmbito das academias, estudos apontam que aspectos como jovialidade e aparência podem ser até mais valorizados do que a experiência e o conhecimento técnico na conquista de prestígio e estabilidade. Por conta disso, podemos dizer que os estagiários são uma ótima opção para o empregador, pois alia a jovialidade, motivação e baixo custo financeiro.

Coelho Filho (2005) vai ao encontro do que Vilhena *et al.* (2012) quando diz que a experiência e competência técnica parecem não garantir prestígio e estabilidade ao profissional de ginástica, e sim a juventude associada à competência.

As colocações de Vilhena e Coelho Filho são preocupantes para os educadores físicos. Normalmente, em outras profissões, a experiência soa como sinal positivo e valoriza o profissional. Na Educação física, opta-se por colocar uma pessoa jovem, sem experiência no mercado de trabalho, por conta de sua aparência e baixos custos, porém essa preferência não parte apenas do empregador. Muitas vezes, o próprio aluno quer uma pessoa jovial o orientando. O problema é que a falta de conhecimento desse jovem poderá acarretar problemas irreparáveis na vida de qualquer pessoa. Por isso, deve-se valorizar a experiência do profissional de educação física, tanto pelo empregador, tanto pelo aluno.

Para Palma *et al.* (2007), idealiza-se para as academias um professor de pouca idade e que se vista com trajes leves (normalmente esportivos). Além disso, preza-se que esse tenha uma boa forma física, sem problemas de saúde, pois assim o aluno poderá se inspirar e objetivar o modelo daquele corpo para si. O problema dessa idealização é que nem todos gozam da mesma pré-disposição genética e podem ter dificuldades para chegar a tal corpo. Como se não bastasse, a forma física do professor de nada adiantará se ele não tiver o conhecimento técnico para passar ao seu aluno.

Silva e Lüdorf (2012) também tematizam essas questões e fazem a seguinte consideração em relação a atuação do professor de Educação Física ao longo dos anos:

A necessidade de ter ou manter a funcionalidade do corpo relativa à saúde, além de estar relacionada à demanda de cumprir determinados papéis sociais e culturais, sugere um receio típico do professor da área de Educação Física na medida em que a natureza do cotidiano profissional

exige uma capacidade fisicobiológica, que pode se comprometer ao longo dos anos. (SILVA; LÜDORF, 2012, p. 200).

Com relação a idade, Coelho Filho é taxativo ao dizer que:

o profissional de ginástica, principalmente nas grandes academias, pode prolongar a sua vida útil, mas não muito (a faixa máxima gira por volta dos quarenta anos). A exceção fica por conta daqueles que, à semelhança de alguns atletas e modelos, às custas de controle dos seus processos de envelhecimento, atuam até idade mais avançada (Coelho Filho, 2019, p. 20).

Novamente se correlaciona a idade a estética do professor. Em condições normais, sem ter o perfil de atleta, Coelho Filho acredita que os 40 anos seja o anúncio de uma aposentadoria das aulas de ginástica coletiva. Infelizmente, é difícil aceitar que uma pessoa com essa idade esteja apta a se aposentar. Acredito que nessa idade, ela esteja no gozo de sua melhor capacidade técnica, tendo muito a oferecer aos seus alunos. Por mais que o vigor físico seja menor, quando comparado a um professor de 20 anos, ainda há muito para oferecer e a experiência desse professor lhe dará condições de arranjar estratégias para vencer essa perda do vigor físico.

Com a aposentadoria precoce das aulas de ginástica, alguns professores assumem cargos de coordenação e/ou *personal trainer* (LÜDORF; ORTEGA, 2013). Na função de coordenador, esquecesse um pouco a questão da idade do professor. Justamente por ter essa idade mais avantajada, ele é visto com bons olhos para coordenar uma equipe de professores novos. E é justamente a imagem dessa pessoa mais velha que passa uma credibilidade maior aos alunos. Já na função de *personal*, a idade continua sendo observada, porém os alunos tendem a ignorar a idade quando o professor se apresenta bem fisicamente.

Conforme levantou Coelho Filho (2005), percebeu-se na conclusão dos seus estudos, certa insegurança do profissional de Educação física quanto ao desenvolvimento da carreira com o avançar da idade, principalmente por estarem se distanciando do perfil estereotipado de profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica.

Baseado nesses levantamentos, podemos concluir que o fator idade e estética são os principais receios dos professores de ginástica coletiva. Pelo que foi apresentado pelos autores, a maioria sabe que sua vida útil é relativamente curta e,

por conta disso, durante a sua trajetória profissional, eles já têm que ir buscando alternativas para continuar atuando na área. É comum ver bons profissionais de educação física atuando como gerentes, pois a procura pelos seus serviços está limitada ao fator da sua idade e/ou condicionamento físico.

Para que isso mude é necessário que as pessoas enxerguem que o conhecimento do professor de EDUCAÇÃO FÍSICA não se apresenta estampado no seu corpo. O conhecimento é empírico! Além disso, ter um professor com um corpo bonito esteticamente, não garantirá o mesmo sucesso ao aluno.

3 DIAS ATUAIS: PANDEMIA

No dia 24/04/2018, a revista VEJA publicou uma matéria, a qual se manifestava sobre os 100 anos da gripe espanhola. Esse vírus dizimou mais de 50 milhões de pessoas pelo mundo (dados da própria reportagem). Nessa matéria, a Dra. Natália Pasternak Taschner (2020) fez alguns levantamentos sobre a Gripe Espanhola.

No seu texto, foi detalhado alguns pontos importantes sobre essa gripe. O ponto que mais chama a atenção é que dificilmente teríamos outra gripe desse tipo. Infelizmente, poucos anos após essa declaração, temos um novo vírus nos assombrando: o COVID19. Com isso, podemos inferir que por mais que a tecnologia avance, dificilmente teremos controle sobre os vírus que poderão surgir a qualquer momento, instaurando o caos pelo mundo.

Para adentrarmos no assunto do coronavírus, trago sua definição de acordo o site do governo federal:

os coronavírus são uma grande família de vírus comuns em muitas espécies diferentes de animais, incluindo camelos, gado, gatos e morcegos. Raramente, os coronavírus que infectam animais podem infectar pessoas, como exemplo do MERS-CoV e SARS-CoV. Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório (O QUE é..., 2020,).

Esse vírus, desde que apareceu no final de 2019, mudou a rotina do mundo. Todos, de alguma maneira, foram impactados, pois atingiu o comércio, educação, saúde, dentre outros.

No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário

Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

Por se tratar de um vírus de fácil transmissão, as orientações dos órgãos de saúde são bem diretas: fique em casa! Essa orientação foi seguida por quase todo o mundo sem muita resistência. No Brasil, houve divergências sobre qual medida tomar perante tal cenário. De um lado, através do presidente da República, orientava-se diversos setores a continuar com seu funcionamento normal, a fim de não prejudicar a economia. Do outro lado, posicionava-se o ministério da saúde em favor do distanciamento social. Essa divergência de informações ocasionou em trocas de dois ministros da saúde, causando também uma crise política no país.

Conforme a OMS e outros órgãos de saúde, o isolamento social é a melhor forma de evitar que o vírus se propague. De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) o vírus se espalha da seguinte maneira:

As evidências disponíveis atualmente apontam que o vírus causador da COVID-19 pode se espalhar por meio do contato direto, indireto (através de superfícies ou objetos contaminados) ou próximo (na faixa de um metro) com pessoas infectadas através de secreções como saliva e secreções respiratórias ou de suas gotículas respiratórias, que são expelidas quando uma pessoa tosse, espirra, fala ou canta. As pessoas que estão em contato próximo (a menos de 1 metro) com uma pessoa infectada podem pegar a COVID-19 quando essas gotículas infecciosas entrarem na sua boca, nariz ou olhos (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020).

Baseado nas declarações da OMS, diversas secretarias municipais e estaduais publicaram documentos propondo o fechamento de espaços de prática de atividade física. Além do fechamento desses espaços, o ministério da saúde lançou uma cartilha com orientações para evitar a contaminação. Por conta desses fechamentos, a maioria da população ficou sem acesso a atividade física nesses estabelecimentos específicos, restando apenas a prática em locais abertos e em casa.

Com essas orientações, a população ficou num paradoxo, pois diversos estudos evidenciam os benefícios da atividade física, porém no momento que mais se precisa de uma imunidade alta do corpo, os decretos a nível estadual e municipal interromperam abruptamente a disponibilidade de utilizar esses espaços a fim de qualquer prática.

Com relação a prática de atividade física e sedentarismo, Pitanga et al (2020), traz a seguinte definição:

a literatura passa a apresentar evidências de que não é apenas a prática regular da atividade física que tem relação com a saúde, mas também a redução do comportamento sedentário, ou seja, o tempo que permanecemos sentados, deitados ou reclinados durante o dia, excetuando-se as horas de sono (PITANGA; BECK, PITANGA, 2020, p. 1).

Com essa informação trazida por Pitanga, Beck e Pitanga (2020), a falta de atividade física, somada ao comportamento sedentário, correlaciona-se diretamente com a saúde do indivíduo. Sabendo que a prática de atividade física diminui a possibilidade do aparecimento de diversas doenças, a falta dela, principalmente num momento de pandemia, poderá deixar o indivíduo mais fraco, possibilitando assim a contaminação pelo vírus. Além disso, num estudo feito por Costa, Roberto; Vigário, Patrícia, constataram que:

todos os participantes da pesquisa, independente do sexo e idade, relataram que o distanciamento social impactou negativamente na percepção de bem-estar e estado geral da saúde. As respostas mais frequentes foram insônia e ansiedade (COSTA; VIGÁRIO, 2020, p. 362).

Nos exemplos citados por Pitanga, Beck e Pitanga (2020), tais como: permanecer sentado, deitado, reclinados durante o dia, é exatamente como a maioria da população se encontra atualmente. Isso acontece, porque muitas empresas adotaram o *Home Office* para dar continuidade as suas atividades, ou seja, estão trabalhando de suas casas, utilizando computadores, celulares, e outros aparelhos eletrônicos conectados à internet

Agora pensamos naquela pessoa que normalmente não se exercitava, porém tinha alguns momentos de caminhada durante o seu dia. Esse deslocamento poderia ser de sua casa até o ponto de ônibus; do seu local de trabalho até o local para almoçar. Enfim, em tempos antes da pandemia, por mais que a atividade física não fizesse parte de sua rotina, em algum momento o indivíduo poderia estar fazendo algo que, de alguma forma, beneficiaria sua saúde. Com a pandemia, muito disso se perdeu.

Ainda de acordo com Pitanga, Beck, Pitanga (2020), na cidade de Wuhan, que foi epicentro da doença, a população foi recomendada a não parar de se

exercitar dentro de casa, pois assim diminuiria a chance de ter alguma complicação na sua saúde.

Nesse último parágrafo, Pitanga, Beck, Pitanga (2020) levantou uma orientação importante que veio da cidade de Wuhan para a população local. O objetivo era para continuarem se exercitando em tempos de pandemia: 'continue se exercitando'. Trazendo para o nosso cenário nacional, direcionando mais especificamente as grandes periferias do nosso país, indago o seguinte questionamento: como continuar se exercitando em casa, sendo que muitas vezes tem apenas um ou dois cômodos?

Sabemos que essa situação de precariedade nas moradias não atinge toda a população brasileira, mas não podemos ignorar o fato que muitos estão nessa situação de precariedade. Ainda há outros pontos que poderiam ser debatidos tranquilamente, tipo: como se exercitar dentro de casa, sendo que pode estar faltando alimentos nos seus armários? Mesmo tendo outros pontos de discussão, limitar-nos-emos à falta de espaços para a prática de atividade física. De fato, ficou evidente que as recomendações de distanciamento social, e de transferir para a casa o local para se exercitar deram visibilidade para a desigualdade social que assola nosso país.

Para controlar a saída das pessoas de casa e o funcionamento de empresas em geral, cada estado e município, dentro da sua autonomia, geriu essa situação do distanciamento de acordo com suas diretrizes. No Rio Grande do Sul (RS), foi adotado um sistema de bandeiras:

o Modelo de Distanciamento Controlado do Rio Grande do Sul foi construído com base em critérios de saúde e de atividade econômica, sempre priorizando a vida. Criou-se um sistema de bandeiras, com protocolos obrigatórios e critérios específicos a serem seguidos pelos diferentes setores econômicos. Conforme o grau de risco em saúde, cada região recebe uma bandeira nas cores amarela, laranja, vermelha ou preta. O monitoramento é semanal, e a divulgação das bandeiras ocorre aos sábados, com validade a partir da segunda-feira seguinte. Os protocolos obrigatórios devem ser respeitados em todas as bandeiras. Além disso, cada setor econômico tem critérios específicos que variam de acordo com a bandeira (MODELO, 2020).

Esse sistema de bandeiras se torna útil, pois consegue padronizar a situação de cada cidade do estado e ter um parâmetro geral. Para melhor controle do estado, o RS foi dividido em 20 regiões que são analisadas da seguinte maneira:

considera-se a velocidade de propagação da Covid-19 e a capacidade de atendimento do sistema de saúde. No total, 11 indicadores (como número de novos casos, óbitos e leitos de UTI disponíveis, dentre outros) determinam a classificação das bandeiras da região (MODELO..., 2020).

Esse sistema adotado para o RS é bem interessante a fim de mapear e definir o que pode ou não funcionar no estado. Após os levantamentos e definições das bandeiras por região, todos os dados são repassados aos municípios que analisarão e definirão suas estratégias.

Desde março, a cidade de POA segue o modelo de distanciamento controlado que é assinado pelo governador do estado Eduardo Leite. No diário oficial, foi decretado que: ‘recomenda-se às empresas e entidades privadas com sede no Estado a adoção das medidas de prevenção da transmissão do COVID-19 (novo Coronavírus)’ (RIO GRANDE DO SUL, 2020, Art 6º, parágrafo único). Logo em seguida, a prefeitura de Porto Alegre decretou o isolamento social, fechando o serviço não essencial, dentre eles: “fica vedado o funcionamento de academias, centros de treinamento, centros de ginástica, cinemas e clubes sociais, independentemente da aglomeração de pessoas” (PORTO ALEGRE, 2020a, art, 7º, sessão IV).

Após algumas semanas do primeiro decreto que era mais rígido, novas classificações, de acordo com as bandeiras, foram feitas e novos decretos foram liberando gradativamente o funcionamento de alguns estabelecimentos. Inclusive as academias.

Em um primeiro momento:

§ 3º fica permitida a utilização de academias ou espaços privados para atividades físicas, devendo ocorrer de forma individualizada, sempre limitada a 1(um) aluno por vez ou por coabitantes da mesma residência, podendo ser acompanhado por 1 (um) profissional, observadas as regras de higienização previstas no art. 22 deste Decreto, no que couber (PORTO ALEGRE, 2020b, art, 14, sessão XXVIII).

Em um segundo momento:

§ 3º o funcionamento das academias fica permitido, de segunda a sexta-feira, inclusive em clubes sociais, shoppings centers e centros comerciais, e o atendimento ao público deverá ocorrer apenas de forma/ individualizada, sempre limitada a 1 (um) aluno a cada 16m² (dezesseis metros quadrados), podendo ser acompanhado por 1 (um) profissional (PORTO ALEGRE, 2020c, art, 13, sessão XXIV).

No primeiro decreto que viabilizou apenas uma pessoa por vez, algumas academias reabriram, mas tiveram outras que por questões financeiras não acharam vantajosa a reabertura, pois nessas condições teriam um gasto grande para mantê-las abertas e o fluxo de alunos seria baixo.

Com a reabertura, criou-se uma polêmica se de fato haveria a necessidade reabri-las. Para algumas pessoas, o serviço de academia não era essencial perante a pandemia. Porém, na opinião de alguns empresários e populares, as academias teriam que estar abertas, pois se enquadram na área da saúde e se faz necessário cuidar do corpo nesse momento de pandemia (MARCHESAN, 2020).

Esses decretos, de acordo com as cores das bandeiras, numa determinada semana, geraram divergência entre o governador do estado e o prefeito de POA. Ambos divergiram sobre o que estabeleceria a bandeira vermelha, referente ao que poderia e o que não poderia reabrir no comércio. Para não haver interferência do Ministério Público (MP), o governador e o prefeito tiveram que alinhar estratégias e sanar as divergências (ELY, 2020).

Após o primeiro decreto, o qual fechava alguns estabelecimentos, muitos professores foram pegos de surpresa e tiveram que se distanciar dos seus empregos. Com o fechamento das academias, os professores de educação física foram diretamente afetados. Na sua maioria, os professores atuam de maneira autônoma e, da noite para o dia, ficaram 'desempregados'. Com isso, tiveram que reinventar a metodologia do seu trabalho.

Para Costa e Vigário Patrícia,

estes ajustes tiveram que ocorrer de uma forma rápida, quase que instantânea e uma boa parte da população estava despreparada para lidar com tal tipo de situação, tornando-se um grande desafio. Particularmente em relação à prática de exercícios físicos em casa, com poucos recursos em termos de equipamentos, mediado por ferramentas tecnológicas virtuais e muitas vezes atividades diferentes das habituais, tem sido uma experiência inédita para muitos (COSTA; VIGÁRIO, 2020, p. 365).

Essa dificuldade citada pelos autores Costa e Vigário (2020), tornou-se maior com a prática de exercícios físicos em casa, pois são poucas as pessoas utilizavam o seu lar para se exercitar. A grande maioria procurava praças, ruas e academias para se exercitarem. Com essa nova dinâmica tiveram que fazer seus lares virarem pequenos centros de treinamento e utilizar seus móveis e até alimentos para simular algum equipamento da academia.

Para os professores, o desafio era o de fazer suas aulas atrativas, mesmo que de maneira virtual. Para isso, tiveram que aprofundar seu conhecimento em plataformas digitais e se adaptarem a nova realidade em tempos de pandemia.

Conforme Verzani e Serapião (2020), há um grande número de aplicativos sendo desenvolvidos para a prática de exercício físico. Essas criações vêm acompanhando o mercado tecnológico que não para de crescer e na Educação física não poderia ser diferente. Inclusive, além de plataformas de demonstrações de exercícios, há aplicativos que direcionam os alunos à personal trainer.

As vídeo-aulas com ferramentas que permitem a visualização e o contato com outros participantes e instrutor/ professor é completamente diferente de baixar um programa de exercícios que foi gravado para uma multidão de pessoas espalhadas pelo mundo seguirem, em frente à tela, autônomos.

Considerando essas mudanças que se instalaram na rotina no período de pandemia na vida das pessoas e as atuações dos professores de Educação Física nas academias, que antes da pandemia, estavam em volta das questões apresentadas na primeira parte desse Referencial Teórico, este trabalho tem o objetivo de:

Investigar como foi a transição dos professores que davam aulas coletivas presencial e migraram para as aulas coletivas online.

4 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, utilizei uma abordagem qualitativa, pois essa se mostrou mais adequada para responder à questão central da pesquisa e as questões que conduzirão esse estudo.

Quanto a sua funcionalidade a pesquisa qualitativa se propõe a investigar dados descritivos de uma situação ou fenômeno, envolvendo o contato direto do pesquisador com a situação estudada. Essa enfatiza o processo ou a forma como ocorre o fenômeno e preocupa-se em captar a perspectiva daqueles que participam da pesquisa (CALIL; ARRUDA, 2004, p. 26).

Conforme a citação anterior, através da pesquisa qualitativa, podemos explorar muitos detalhes do universo investigado. Os indivíduos mostram suas percepções perante o assunto em questão e as diferentes maneiras de interpretar o que estão sendo questionado.

Aqui, trago mais uma citação para mostrar o quão importante pode ser uma metodologia qualitativa. Conforme Minayo (2010), o método qualitativo pode ser conceituado como é aquele que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem. Esse método, por meio do seu fundamento teórico permite desvelar os processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares.

Dentre as pesquisas qualitativas existem diferentes métodos e ferramentas investigativas: observação, narrativas, análise de documentos, grupos focais, entre outras. Para esta pesquisa, como ferramenta de pesquisa, utilizei a entrevista semiestruturada, que permitiu dialogar com os entrevistados.

Ter essa riqueza de detalhes, possibilita entender como cada entrevistado enxerga determinado assunto e como ele reage a tais perguntas. Com isso, podemos mapear e explorar cada um desses pontos e também podemos indagá-los para compreender suas trajetórias e vivências.

Baseado nesse conhecimento, pude estruturar minha entrevista. Como foi dito anteriormente: optei por uma ferramenta investigativa qualitativa e com o direcionamento das perguntas de uma maneira semiestruturada. Após definir essa estratégia, comecei a elaborar as perguntas que direcionavam a conversa

estabelecida durante a entrevista para aspectos que me auxiliassem a alcançar o objetivo desta pesquisa.

As perguntas foram organizadas de uma maneira cronológica em relação a trajetória dos entrevistados, através de tópicos, as quais organizei da seguinte maneira:

- Características pessoais;
- Trajetória profissional;
- Trabalho antes da pandemia;
- Trabalho durante a Pandemia;
- O retorno as aulas presenciais;

Seguindo essa ordem, pude direcionar minha entrevista de uma maneira que o entrevistado traçasse uma linha do tempo da sua vida profissional. Com essa base, pude ir dialogando e abordando pontos que nem estavam planejados na entrevista, mas que serão úteis para analisar os resultados. De modo geral, o objetivo era fazer uma entrevista em tom de conversa com o entrevistado, em que se estabeleceria um diálogo.

Por fim, para realizar as entrevistas, escolhi profissionais que atuam em aulas coletivas. Os critérios que utilizei para a escolha destes profissionais foram: ser professor de aulas coletivas e que fossem estudantes ou formados em educação física. Foram escolhidos três profissionais (um formado e dois estudantes) para responderem as perguntas. Os três escolhidos, eu já os conhecia previamente e são do meu convívio pessoal e profissional.

As entrevistas aconteceram entre os dias 26/09/2020 e 08/10/2020. A duração média foi em torno de 1h 30min. Todos foram entrevistados pessoalmente em locais públicos. Por conta da pandemia, optamos por lugares bem arejados e tomamos todos os devidos cuidados, seguindo os protocolos de segurança. Através de um celular, foram gravadas as entrevistas que após foram transcritas.

Para analisar os dados, detalhei cada tópico da entrevista (trajetórias e suas relações de trabalho antes da pandemia; rotina de trabalho durante a pandemia; e o retorno das aulas presenciais). Dentro de cada uma dessas categorias, foram aparecendo assuntos que achei pertinente analisar e entender o porquê de tais

respostas. Dessa forma, tentei entender o porquê de em tais momentos eles terem um pensamento tão parecido e em outros momentos destoarem completamente um do outro.

Com essas análises, consegui refletir e enxergar alguns fatos de uma outra maneira, podendo assim, dialogar com as respostas dos entrevistados. Além disso, destaquei alguns pontos das entrevistas que julguei como interessante aparecer na íntegra, sendo fiel a fala do entrevistado.

5 IMPACTO DA PANDEMIA NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE AULAS COLETIVAS: ESTUDOS DE CASO

Para compreender o processo de transição foi necessário conhecer um pouco mais da vida pessoal dos entrevistados e também detalhar um pouco mais as suas vidas profissionais antes da pandemia. Entendo que isso foi necessário, pois assim, eu tive condições de analisar como eles atuavam, como atuaram e atuam durante esse período de isolamento social. Para isso, dividi em três sessões: trajetória e suas relações de trabalho antes da pandemia; rotina de trabalho durante a pandemia; e o retorno das aulas presenciais.

5.1 TRAJETÓRIAS E SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO ANTES DA PANDEMIA

Nesse tópico, apresentarei as características de Ana Paula, Marcelo e Renato. Mostrarei de que maneira cada um deles está vinculado ao mundo da educação física, assim como os detalhes de suas profissionais como professores de aulas coletivas.

O primeiro entrevistado foi o Marcelo. Ele tem 34 anos e é estudante de educação física – bacharelado na Uninter. Pelas cadeiras que já cursou, está entre o 7º e 8º semestre. Morador de Canoas¹, sua vida profissional e estudantil é em Porto Alegre (POA).

Antes da pandemia, ele atuava em 4 academias de ginástica de POA, ministrando aulas coletivas de Zumba. Sua rotina era sair cedo pela manhã de sua cidade e passar o dia todo na cidade vizinha. Quando questionado sobre os horários das suas atividades, ele me respondeu que suas aulas eram nas primeiras horas da manhã e no final da tarde. Então, o questionei sobre o que ele fazia durante o intervalo entre as aulas e ele me respondeu:

¹ Canoas é uma cidade que pertence a região metropolitana de Porto Alegre. Essa cidade é conhecida também como cidade dormitório, pois muitos dos seus moradores saem das suas residências e vão para a capital trabalhar e/ ou estudar. Após essa rotina, retornam para suas residências.

eu passava o dia na rua em função das academias. Eu saía de manhã cedo. Dava aulas pelas academias, ficava na rua fazendo alguma outra coisa. Organizando, planejando a próxima aula, vendo alguma coisa que precisasse mudar ou alterar e depois eu já voltava para outra academia. Se eu tivesse aula para dar ou ficava organizando, fazendo alguma coisa. Até mesmo treinando, né? (risos).

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

O que foi relatado por Marcelo vai ao encontro do que foi trazido por Freitas (2014, p. 1529), já abordado no referencial teórico neste trabalho. Para ele, os horários das aulas coletivas são bem limitados e normalmente acontecem na parte da manhã e início da noite. Dessa forma, muitos profissionais tendem a arranjar outras ocupações para preencher essa lacuna durante as aulas. No caso do entrevistado Marcelo, ele deixou claro que por questões de custos e tempo de deslocamento, não vale a pena retornar para a sua cidade.

Minhas aulas [nas academias] eram de manhã. Minhas aulas são todas em POA e eu moro em Canoas. Então, não valia a pena para mim ir para POA de manhã, retornar para casa meio-dia e depois, à tarde, ter que voltar para POA. Então, eu já passava o dia na rua em função. Tudo isso envolve custos e tempo.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

O outro entrevistado é o Renato. Ele tem 31 anos, também é estudante de educação física e está há dois semestres da sua segunda graduação. Renato se formou em letras em 2013 pela PUC. Residente de POA, ele tem uma rotina semelhante ao que relatou o primeiro entrevistado. No caso de Renato, ele sai pela manhã para ir à faculdade e passa o dia na universidade. Para ele também não vale a pena ir em casa, pois gerava custos. Renato chegava a dar 3 aulas dentro do período de 3h.

Eu saio cedo de casa e vou para a universidade. Normalmente minhas aulas [da universidade] acontecem até às 13 horas. Por conta disso, não vale a pena eu retornar para a minha residência e, após, deslocar-me até a academia. Fazer isso, só faria eu gastar mais dinheiro.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Em ambos os casos, eles preferem não retornar às suas residências para não gastar com transporte. Isso acontece porque eles não ganham auxílio para se deslocar até o seu local de trabalho e após retornar para sua casa. Infelizmente, essa prática parece ser comum na área da ginástica coletiva. Entre os entrevistados, as experiências que conheciam e vivenciaram apontavam que o professor, normalmente, ganha apenas o valor da hora/aula e desse valor ele tem que pagar o seu deslocamento e a sua alimentação.

Após o término de uma das entrevistas, Marcelo comentou que ganhava em torno de 30 reais de hora/aula numa das academias que trabalhava. Disse que desse valor, sobra-lhe apenas uns 20 reais. Pode-se pensar que esse valor que sobrou é justo por uma hora de aula. Porém, ficou evidente ao longo das entrevistas, que o profissional de aulas coletivas não consegue manter uma carga horária regular de 8h de trabalho, pois a média de aulas dadas por dia, gira em torno de 3 a 4 aulas.

Marcelo trouxe outro fato interessante que acontece na sua rotina de trabalho. Ele comentou que as aulas têm pouco tempo de intervalo entre uma e outra e são em locais diferentes. Por ter pouco tempo para se deslocar, ele se obriga a chamar um aplicativo de transporte. Quando questionado se valia a pena pagar para se deslocar até a outra academia, Marcelo respondeu:

Na maioria das vezes vale, porque daí tu gastando uns dez, quinze reais e você está recebendo alguma coisa da outra academia. Se eu não pegasse academia para trabalhar pensando no que vou gastar com o uber, eu não pegaria em academia alguma. Pelo menos assim, alguma coisa eu ainda ganho. Melhor ganhar pouco do que nada.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Isso citado por Marcelo, de certa forma, demonstra uma desvalorização do profissional, pois além de passar várias horas do seu dia ocioso esperando o horário da próxima aula, ele ainda tem que se contentar em ganhar pouco, a fim de conseguir manter seu compromisso com as academias.

A outra entrevistada é Ana Paula. Ela tem 31 anos e é formada em bacharelado em educação física pelo IPA, desde 2015. Ela reside em POA com seus pais e tem uma rotina semelhante a dos outros entrevistados.

Ana Paula disse que sua rotina de trabalho é tranquila. Antes da pandemia, ela atuava em três academias. No turno da manhã, em duas, e a noite, em uma. Por trabalhar em duas academias que são próximas da região central de POA, Ana Paula não necessita de transporte para se deslocar. Isso faz com que ela não tenha os mesmos custos dos outros dois entrevistados.

Por conta do local de sua residência e locais do seu trabalho, Ana Paula disse que consegue sair para dar suas aulas e retornar para sua residência. Da mesma forma que Marcelo e Renato, Ana Paula não ganha valor de transporte e alimentação. Quando argumentei dizendo que ela não ganhava, pois não necessitava, recebi a seguinte resposta:

hoje, realmente eu não necessito de transporte para me deslocar até a empresa. Porém, não só nessas que trabalho hoje, mas nas que já passei, eu nunca ganhei auxílio para isso. Hoje, eu ganho apenas numa academia o transporte, pois tenho carteira assinada. Mas lá eu não dou somente aulas de ginástica coletivas, mas também atuo na sala da musculação.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Em um dos artigos estudados para referenciar esse trabalho, Coelho Filho (2009) trouxe uma reflexão sobre o assunto. Ele acredita que essa desvalorização do profissional das academias de ginásticas, deve-se ao fato de que há muitas pessoas para poucas vagas. Consequentemente, o empregador, sabendo disso, acaba colocando valores baixos pelas aulas, pois sabe que aparecerá interessados na oportunidade de emprego oferecida.

Após conhecer a história de cada um, identifiquei que os três entrevistados têm algo em comum: todos tiveram o primeiro contato com aulas coletivas sendo alunos. Marcelo relatou que trabalhava como auxiliar de cozinha e procurou a academia por hobby. Disse que a ideia era apenas fazer o treinamento de musculação, mas por insistência de uma amiga, acabou cedendo e participou de uma aula coletiva de Zumba. Como sempre gostou de dançar, identificou-se rapidamente com a turma e se tornou assíduo nas aulas. Perguntei como surgiu o interesse de virar professor e ele me respondeu:

o professor que dava aula de Zumba veio me perguntar se eu não queria me tornar professor de Zumba também. Disse alguns não, mas acabei fazendo o curso [Zumba]. Eu já tô há três anos e alguns meses dando aula de Zumba.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

O entrevistado Renato também começou como aluno. Ele procurava alguma atividade que pudesse auxiliar na melhoria do seu condicionamento físico e quando chegou na academia lhe foi apresentado a Zumba.

Eu comecei como [...], eu tinha [...]. Quando eu me formei [no curso de Letras], eu pesava 100kg. Eu decidi sozinho, sem academia, sem nada, com alimentação, eu perdi 25kg. Eu estava trabalhando perto da minha casa; tinha uma academia perto da minha casa. Daí, decidi fazer a academia. Cuidar do meu corpo (risos). Eu percebi que por eu ser tabagista e ser meio, não vou dizer imperativo, mas eu percebi que esteira e bike não eram para mim. A esteira eu não aguentava e bike eu ficava com tédio. Daí, eu descobri que a academia tinha jump e tinha Zumba. Eu decidi fazer a aula de Zumba e eu era o único homem, além do professor Matias que você conhece, uma turma com quase 40 mulheres. Eu fiquei quase escondido na primeira aula. É fácil perceber um homem. O professor Matias veio falar comigo e perguntou se eu já tinha experiência. Daí depois eu descobri que algumas alunas achavam que eu era professor amigo dele. Daí, eu pensando que fui bem! (risos). Alguns meses fazendo aula com ele, daí ele me pilhou e disse que eu tinha perfil para ser instrutor. Eu achava que era uma bobagem que eu ia ser instrutor. Mas era novembro de 2016, eu saí do meu emprego e tinha muito tempo livre e tava pensando em fazer o enem e resolvi fazer o curso de instrutor de Zumba, porque daí eu ficava com condições de fazer um bico até um achar um emprego de verdade, porque eu não vou mais estar na academia. Mal sabia eu, que depois de dois meses do curso, eu já estaria com 3 turmas em 3 academias de diferentes e já ia começar a considerar isso como emprego “fulltime”.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

A entrevistada Ana Paula teve seu primeiro contato como aluna de aulas coletivas. Buscou a academia por estética e hobby e através de um incentivo da professora, acabou entrando nessa área. Ela já é graduada há 5 anos em educação física.

Entre 2006 e 2007 eu conheci uma professora que dava muitas aulas na academia, enquanto eu era aluna dela. Um dia ela pegou e me disse que eu levava muito jeito para ser professora de academia. Disse que eu tinha muito o perfil e tinha que investir nessa profissão. Na época, eu não pensava muito nisso, pois eu estava no ensino médio e não sabia ao certo o que eu queria.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Nas três situações eles tiveram o incentivo dos seus professores das aulas coletivas. Todos vieram basicamente com a mesma frase quando questionados o porquê de os professores instigá-los: “o professor viu que eu tinha o perfil”. Quando questionei que perfil era esse, responderam-me que era por ser animado e saber dançar.

No seu estudo, Pereira (1996) identificou algumas características que o professor de ginástica deve possuir. Ele classificou como a principal característica a de ter condições de animar seus alunos. Esses professores que motivaram seus alunos, de maneira empírica, identificaram essa mesma característica como uma das principais para ter sucesso nas aulas e incentivaram seus alunos a fazerem o curso.

Por outro lado, nesse mesmo estudo, Coelho Filho (2007) relata sobre a postura que os professores de ginástica deveriam assumir. Para ele o professor de ginástica também deveria assumir essa postura de orientar, corrigir, contudo, parece que na grande academia não faz parte do script do profissional corrigir os alunos dessa maneira.

Marcelo é da seguinte opinião:

O professor tem que ser um conjunto dos dois. Não adianta tu ser carismático e não saber dançar, não saber ter uma didática para dar aula, não saber funcionalidades básicas do ser humano. E pelo outro lado, não adianta tu não ter carisma, não ser simpático com as pessoas, mas saber dançar e ter um bom conhecimento da área. Daí as pessoas, ficam naquela: “ah! Ele sabe bem! Ele sabe dançar, sabe dar aula, só que não trata bem as pessoas”. É um conjunto saber tratar as pessoas bem e ter condições técnicas de dar uma boa aula.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Entendo que as aulas de ginástica devam ser encaradas como qualquer outra área da educação física. Ministrando uma aula de ginástica, necessita dos mesmos cuidados técnicos e cuidado com os alunos como qualquer outra. Uma aula mal instruída poderá acarretar problemas aos alunos e possíveis lesões. Por isso, a importância de ser uma pessoa capacitada para ministrar essas aulas.

No caso dos três entrevistados, a principal atividade deles é instruir nas aulas de Zumba. Todos vêm da mesma qualificação que a empresa Zumba os capacita.

Conforme o relato de Renato e Marcelo, a empresa, no dia da capacitação, os informa que não é necessário ser da educação física para ministrar as aulas de Zumba. Mesmo com essa orientação da não necessidade de ser estudante ou formado em EDUCAÇÃO FÍSICA, todos são vinculados de alguma maneira a área (dois são estagiários em educação física e uma é formada).

Marcelo tem uma opinião diferente sobre a Zumba na educação física:

A Zumba não é considerada uma aula de ginástica. A Zumba é uma aula de dança. Não é uma aula tipo o funcional, alongamento, que precise, teoricamente, do CREF. Mas o CREF está toda hora em cima, batendo. Eu só faço a graduação para evitar problemas futuros. Vá que alguém denunciasse, mesmo sendo correto o CREF não fiscalizar a gente, mas eles acabam incomodando.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Já para Renato e Ana Paula é fundamental ser da educação física para ministrar aulas de Zumba. Para eles, no momento que você não exigir uma graduação, qualquer pessoa poderá sair dando aula dentro das academias. Eles até comentaram que se de fato fosse uma aula de dança, ainda assim teria uma graduação específica que trabalha com dança.

Após essa qualificação, Renato e Marcelo tiveram suas primeiras experiências em sala de aula como professores de Zumba. Ana Paula começou com outras modalidades, as quais não soube precisar os nomes.

Pelos relatos colhidos na entrevista, o nervosismo e a falta da prática era o principal intimidador para dar as aulas. Para Renato:

Antes de começar na Zumba, eu já tinha experiência com exposições em público através da música. Então, a aparição para o público da academia não era o problema. Mais era o nervosismo de estar numa nova etapa da minha vida com algo que eu jamais imaginei trabalhar.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 set. 2020).

Para Marcelo:

Estava bem nervoso, bem ansioso. Era um mundo totalmente novo. Eu sempre gostei muito de dançar. Eu sempre quis um trabalho que envolvesse música e dança, porque eu sempre gostei de dançar. Então, tipo, né? Você está dançando ali é uma coisa, Daí você vai, pega e dá aula. Estava nervoso! Mesmo sabendo lidar com o público, tem que chegar na academia e dizer que é o novo professor de dança, tal e tal. Vamos dançar! Vamos dançar bastante! Vamos nos divertir. As pessoas também por não te conhecer têm que perder a timidez, se sentir bem à vontade para dançar bastante. E era isso! Tirando isso, depois a gente vai acostumando e vai pegando a prática, daí só vai agregando conhecimento.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Para Ana Paula:

Eu lembro que elas foram muito alegres, mesmo eu estando muito nervosa independentemente de eu ser gorda ou magra, as pessoas estavam ali para se divertirem e naquele momento eu estava conseguindo levar isso a elas.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Esse nervosismo citado pelos entrevistados foi algo que apareceu nas primeiras aulas que eles deram. Após, esse nervosismo foi passando, dando espaço a um sentimento de confiança. Isso, graças a experiência que estavam adquirindo com aulas e com o suporte que a empresa Zumba os dava, pois todos os meses eles recebiam material de trabalho para renovar as aulas e aprimorar suas técnicas.

Outro ponto destacado pelos entrevistados é o fato de não saberem o porquê de estarem assumindo tal turma. No diálogo com Renato, ele me disse que a lógica do mercado atual substitui facilmente os profissionais, porque fica fácil a dispensa quando algo não está agradando o empregador, pois a grande maioria dos profissionais das aulas coletivas trabalham na informalidade e uma possível demissão não gerará custos à empresa.

Além desse motivo, Toledo e Pires (2008), trazem no seu artigo, que já foi abordado no referencial teórico, que outro ponto que faz com que os profissionais das aulas coletivas sejam facilmente substituídos é a padronização das aulas coletivas. No caso dos três entrevistados, todos têm como principal atividade a Zumba (que é uma aula padronizada). Questionados sobre a escolha pela Zumba, eles falaram que a marca por si só se vende. Além disso, a estrutura da aula, músicas e coreografias fáceis fazem os alunos se fidelizarem à aula e tornam um ambiente de muita energia positiva.

No seu depoimento, Ana Paula citou outro ponto que fez com que sua ansiedade pela primeira aula aumentasse: a obesidade.

Mesmo sempre estando envolvida em aulas de esportes e em aulas coletivas, eu era uma pessoa gorda. E hoje, nós sabemos que a pessoa gorda não tem uma vida profissional muito fácil na educação física. Por isso, foi muito difícil para mim.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Ana Paula fez declarações bem fortes por conta da sua obesidade. Como citado no parágrafo anterior, ela se preocupava muito com que seus alunos pensariam de uma professora acima do peso. Sua preocupação era basicamente sobre a credibilidade que ela passaria aos alunos.

Como já citado no referencial teórico nesse trabalho. Palma et al. (2007) dizem que as academias idealizam um professor de um bom porte físico e de preferência que seja jovial. Dessa forma, ainda na visão dos autores, essa idealização de professor faz com que o aluno se inspire e objetive aquele modelo de corpo para si.

Esses argumentos que foram apresentados no último parágrafo fazem com que o conhecimento teórico do professor seja colocado em segundo plano. Priorizar o corpo do professor e preterir o seu conhecimento é algo que não pode ser visto com naturalidade aos olhos de todos. Um corpo dentro dos “padrões” não é a garantia que o professor seja detentor de conhecimento técnico e que vá te dar um bom treinamento.

Ainda sobre Ana Paula, ela conta que passou por procedimentos vexatórios por conta da sua obesidade:

Eu tinha que me pesar toda a semana. Eu levei isso pela boa vontade profissional, mas se fosse outra pessoa levaria para o lado pessoal e se perguntaria o porquê de uma pessoa gorda não poder dar aulas. Eu tentei ver o lado positivo, mas foi bem difícil. Eu era pesada toda a semana e um dos gerentes me obrigava a perder 2kg por semana. Era muito pressionada! Meu psicológico estava abalado, pois toda a segunda feira eu era pesada.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Ana Paula disse que desenvolveu um nível altíssimo de depressão e insegurança para dar as aulas. Inclusive, levava sua mãe para a academia para ter

condições psicológicas para executar seu trabalho. Essa situação vivida por Ana Paula, só deixa claro o quanto se exige fisicamente dos professores de academia. Nesse momento de exigência do corpo ideal, o gerente nem se preocupou com o conhecimento que essa professora tinha. Para ele valia mais um professor com os padrões impostos como ideais pela sociedade, do que uma professora competente e que poderia ser muito importante para sua equipe na academia.

Com tudo que foi apresentado até aqui, podemos verificar, através dessas entrevistas, que os perfis dos professores são bem semelhantes. Todos estão vinculados à educação física (dois são estudantes e uma é formada); ambos conheceram as aulas coletivas como alunos; os três foram incentivados, por esses professores que os convenceram a virar professores, pois tinham o perfil de um professor de ginástica coletiva (eram animados e sabiam dançar).

Além das características dos entrevistados, também foi possível conhecer os detalhes e as peculiaridades das suas rotinas de trabalho, as quais são bem intensas. Os três têm uma jornada parecida de trabalho: em média de duas aulas na sequência na parte da manhã e outras duas, também na sequência, no final da tarde e início da noite. Dois dos entrevistados me relataram que, por conta desse espaçamento entre as aulas da manhã e as aulas da noite, ficam horas do seu dia de maneira ociosa esperando chegar o horário da próxima aula. Um deles fica na universidade em que estuda esperando as horas passar e o outro fica no shopping, também com o mesmo objetivo.

Essa decisão deles de não retornarem as suas residências é por conta dos gastos com transporte que teriam indo e vindo. Eles me disseram que não ganham auxílio transporte das academias que trabalham para esse deslocamento. Afirmaram-me que o único valor que ganham é o da hora/aula. Desse pagamento, são obrigados a tirar o valor de transporte e alimentação. Com isso, resulta numa baixa significativa no valor líquido dos salários. A outra entrevistada disse que só não passa pela situação, porque mora perto dos locais em que trabalha, mas que em outros momentos da sua vida profissional, já passou pela mesma situação.

Outro detalhe interessante trazido por eles é o gasto que têm com aplicativos de transporte. Além de não ganharem auxílio para se deslocarem, ainda gastam com esses aplicativos para irem de uma aula para outra. Um dos entrevistados forneceu mais detalhes dessa situação e me relatou que uma de suas aulas termina

e ele tem quinze minutos para chegar na outra academia. Essa outra academia uns doze minutos de distância. Por conta disso, ele gasta de doze a quinze reais para esse deslocamento, sobrando de sua hora/aula em média vinte reais. Essa situação mostra o quão complicado é a situação desse professor.

Quando questionados sobre como foi o início das suas vidas como professores de aulas coletivas, os três me reportaram o mesmo sentimento: de nervosismo. Além desse nervosismo inicial, uma das entrevistadas relatou que se sentia muito insegura por ser obesa. Inclusive que passou por assédios psicológicos por conta do seu grau de obesidade. Pela parte dos alunos, ela percebia que havia comentários por conta do seu perfil físico, mas que isso ela conseguia lidar tranquilamente. O que a prejudicou psicologicamente foi o fato da pressão que recebia de um dos gerentes da academia. Essa pressão foi a um ponto tão agudo, que ele a chamou para uma reunião e a obrigou a perder dois quilos por semana, afim de manter o seu emprego. Caso não conseguisse perder esse peso, seria demitida

O relato dos entrevistados, até o momento, nos mostrou que é uma rotina bem desgastante fisicamente. Além disso, precisam se preocupar com a logística do transporte e os gastos, além de cuidar da sua forma física. Mesmo com esses desafios diários, eles foram unânimes em dizer que são felizes com o que fazem.

5.2 ROTINA DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

A partir de agora, trarei elementos ditos pelos entrevistados sobre suas vidas desde o momento que saiu o primeiro decreto fechando as academias. Esse momento da entrevista foi muito importante, pois nos permitiu fazer comparações com suas vidas profissionais pré-pandemia e durante a pandemia.

Os entrevistados trouxeram detalhamentos de como reagiram perante o fechamento das academias, assim como as estratégias que tiveram que adotar para iniciar com as aulas online. Relataram-me também sobre os desafios encontrados e as vantagens e desvantagens de tornar as suas aulas virtuais.

Após o primeiro decreto publicado em março de 2020, os três professores migraram para as aulas online, mas cada um reagiu de uma maneira e adotou de estratégias diferentes para continuar com as aulas. Um deles já iniciou as aulas logo

após o primeiro decreto e sem muito planejamento; o outro planejou bem a migração para as plataformas digitais; já a outra não foi imediatista para começar as aulas e nem fez muitos planejamentos.

Marcelo foi o que se adiantou e iniciou as aulas online logo que foi publicado esse decreto.

Eu parei de trabalhar em março. Precisamente, dia dezessete de março foram minhas últimas aulas presenciais, mas durante a semana, vindo conversando com amigos, colegas e donos das academias, sabia que isso poderia vir a acontecer. Conversando com uma amiga ela me disse que daria aula online. Daí eu fui me informando. Que nem a gente conversou lá no início, essa é a única renda que eu tenho. Então, eu precisava pagar a Zumba, pagar a faculdade, precisava pagar as outras contas e manter alguma coisa para continuar ganhando dinheiro e não deixar elas sem aulas. Então, elas gostaram bastante das ideias. Daí, a gente foi fazer um teste, de março até hoje, que estamos em setembro, eu estou dando aulas online para minhas alunas. Tive que me reinventar! Tive que ir para um mundo totalmente novo que eu nunca tinha dado aula assim.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

O que ficou claro nessa declaração, é que a urgência de Marcelo em começar as aulas online girava em torno da necessidade financeira. Conforme elencado, ele tinha prioridades básicas que tinham que ser suprida de maneira rápida, pois a renda das aulas era a única que ele tinha.

Já Renato se mostrou mais cauteloso para iniciar as aulas online:

Cara! Quando saiu o decreto, eu parei e pensei o que eu poderia fazer de melhor para entregar aos meus alunos. Pensei bastante e após uma semana comecei a apresentar o meu projeto a todos. Eu não tinha pressa em começar, pois não queria fazer algo às pressas e sair sem qualidade.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Renato me relatou que tinha uma certa urgência em começar as aulas por conta da sua situação financeira, mas mesmo com essa urgência, ele queria que tudo saísse com muita qualidade. Ele sabia que precisava começar o quanto antes, mas tinha decidido que não começaria enquanto não tivesse tudo organizado.

Ana Paula não teve muita pressa para iniciar as aulas online:

Primeiramente, eu pensei: me ralei! Após, comecei a pensar no que eu poderia fazer para continuar com as aulas. Após umas três semanas eu dei a primeira aula online.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Ao contrário do que falaram os primeiros entrevistados, Ana Paula não demonstrou a mesma preocupação financeira e nem a necessidade de começar as aulas de forma rápida. Seu processo foi mais lento e sem muitas preocupações.

Marcelo e Renato não tinham experiências com aulas digitais. Já Ana Paula, em duas oportunidades, tinha feito duas aulas online em parceria com uma amiga que mora em outro país. Porém, isso foi antes do período pandêmico e era apenas uma aula comemorativa.

Marcelo disse que sua primeira experiência foi bem trabalhosa, quando comparada as aulas presenciais, as quais ele não se preocupava com quase nada.

A gente tem que ir olhando. Tem que ir tateando para ver o que dá certo e o que não dá certo. Tinha que procurar um ponto específico pra dar aula em casa. Onde eu poderia dar, um local tinha que arrumar espaço, porque eu como professor preciso de mais espaço do que elas como aluna em casa. Elas não precisam locomover tanto. Eu preciso de um campo maior onde elas me enxerguem totalmente pra poder fazer as atividades; ou de internet para ter essas aulas; o som, para sair um som bom; visão; iluminação para elas poderem me enxergar. Tudo um projeto de uma coisa muito mais trabalhosa que as aulas, simplesmente, presenciais. Tipo, chegou na academia é só dar a aula e deu.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Renato trouxe da seguinte maneira a sua primeira experiência com as aulas online:

Bom, eu fui bem cauteloso para ter essa primeira experiência com a aula online. Diferentemente de outros colegas, eu optei por fazer aulas gravadas. Desse jeito, imaginei que entregaria um trabalho com melhor qualidade e também daria a oportunidade de outros alunos acompanharem a aula a qualquer hora.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Ana Paula relatou assim a sua experiência com as aulas online:

Foi uma experiência bem tranquila. Eu apenas avisava o horário das aulas e abria uma live para iniciar a aula. Nos bastidores a minha mãe me ajudava muito. Ela ficava lendo os comentários e respondendo por mim. Isso me ajudava muito, porque eu conseguia manter a interação com meus alunos e também cuidar se aparecesse um comentário mais ofensivo.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Percebeu-se que cada um deles, de acordo com suas necessidades, adotou de estratégias diferentes, as quais acreditavam que seria o melhor para seus alunos. Isso resultou em experiências diferentes nas primeiras aulas. Por conta da urgência em começar, Marcelo teve que ir na base do acertar e errar nas primeiras aulas; já Renato postou sua aula com tudo ajustado; Ana Paula de maneira bem mais tranquila, deu suas aulas sem muitas preocupações.

Marcelo trouxe mais uma fala que ratificou as suas preocupações com dar aulas em casa ao vivo:

Sim! Eu mexo com todas as minhas alunas. Eu já falei: “oh, aproveitem bastante porque assim que a gente voltar com as aulas presenciais eu vou tirar férias (risos), porque para elas pode parecer que não, mas pra nós que está envolvido nisso, as aulas online estão sendo muito mais trabalhosas do que as aulas presenciais, porque as online tem que ter toda uma qualidade a mais. Temos que arrumar isso, arrumar aquilo. Tem que estar planejando, não que eu não planejasse antes, mas com as aulas online ao vivo, eu faço mais coisas. Então, o planejamento tem que estar maior! O cuidado é redobrado. Cuidar o fechamento da aula, internet para ver se tem; iluminação que elas me enxerguem; As aulas são mais trabalhosas para levar o que elas teriam na academia e o retorno a princípio foi bom. Elas agradecem sempre pelas aulas. Agradecem por não estarem paradas, porque não deixa de ser uma atividade. Teoricamente, eu não parei de trabalhar. Que nem eu falei: “eu não deixei de trabalhar e elas de treinarem.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Por conta dessas preocupações que Marcelo citou, Renato optou em não fazer as aulas ao vivo. Além disso, ele não tinha espaço na sua casa para fazer as aulas, tendo que solicitar a sala de uma academia para fazer as gravações.

Eu até pensei em gravar as aulas da minha casa, pois assim me daria menos trabalho porque eu não precisaria me deslocar até a academia. Porém, eu era obrigado a ir até a academia, porque na minha casa não tinha espaço. Quanto a escolha por fazer ao vivo ou gravada, optei pelas gravadas desde o início.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

A estratégia de Marcelo e Renato eram bem semelhantes quanto a maneira de disponibilizar as aulas. Ambos davam a condição ao aluno de assistir às aulas em outros momentos. Mesmo ao vivo, Marcelo transmitia as aulas via Facebook, fazia o download da transmissão e postava no seu canal do Youtube. Após encaminhava o link de acesso aos alunos. Essa estratégia era praticamente a mesma de Renato, porém, ele gravava (sem ser ao vivo), postava no seu canal do Youtube e após mandava o link para os alunos. Já Ana Paula vinha com uma estratégia que não se preocupava com a possibilidade de os alunos assistirem em outros momentos. Ela transmitia a aula via live do Instagram e não repostava em outros canais para ser assistida em outros momentos.

Marcelo e Renato adotaram o sistema de cobrança mensal para disponibilizarem as aulas. O primeiro tinha um pacote de aulas, as quais oferecia aulas de Zumba três vezes na semana, sendo uma aula na parte da manhã e uma na parte da noite, nas segundas, quartas e sextas. Renato disponibilizava as aulas nos mesmos dias, porém apenas uma vez. Ana Paula não tinha dias fixos para as aulas. Ela sempre comunicava através de suas redes sociais quando teria aula. Essa estratégia de Marcelo e Renato, deixaram os alunos com a sensação de seguir a mesma periodicidade que encontravam nas academias que trabalhavam.

Quando foram questionados para saber qual era o público alvo das aulas online, Ana Paula respondeu que não tinha um público fixo, já que as aulas eram abertas e através do seu Instagram qual um poderia ter acesso.

Marcelo comentou a seguinte resposta:

As alunas que faziam as aulas presenciais comigo que já eram meu público. Eu entrei em contato e disse: “oh, meninas! A partir de tal dia eu estarei dando aula tal e tal, se vocês quiserem fazer comigo, até que a gente possa retornar a academia, né? Que no começo era meses. Um mês (risos), nós iríamos ficar afastados, mas estamos chegando outubro e ainda estamos em casa.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

No caso de Renato, algumas alunas do presencial também o acompanharam no online:

Quando eu já tinha tudo organizado e planejado, comecei a divulgar as aulas através dos grupos do whatsapp e páginas do face. Assim, as alunas foram aderindo ao pacote de aulas. Num primeiro momento, vieram apenas as aulas que estavam me acompanhando no presencial, após, através de indicações e postagem das aulas, alunos que não eram meus alunos ou em que algum momento foram, também começaram a aderir as aulas.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Esse novo meio de transmissão obrigou os professores a se adaptarem a essa nova realidade e descobrirem as maneiras corretas e mais consistentes de disponibilizar suas aulas com qualidade. Como foi dito anteriormente, Renato esperou e só pôs em prática suas ideias quando tinha as melhores estratégias para transmitir as aulas. Marcelo, foi ajustando as transmissões conforme as coisas foram acontecendo nas aulas.

Até o momento, falamos apenas nos aprendizados que os professores tiveram que ter para poder desenvolver o seu trabalho. Porém, existe o outro lado: os alunos. Esses são os objetos mais importantes das aulas, pois para eles que serão direcionadas todas as atenções; serão neles que os acertos e erros chegarão; serão eles o termômetro da aula. Por conta disso, faz-se necessário o êxito dos alunos em aprender a mexer com essa tecnologia também.

Baseado nisso, os entrevistados falaram sobre a experiência dos alunos com as aulas digitais e suas ações para auxiliá-los. Para Marcelo:

Para as pessoas com mais idade, a tecnologia nunca é fácil. A maioria tem preguiça ou não sabem mexer. Então, como eu tenho paciência, eu sempre falei para elas que se não entendessem era para me perguntar, mesmo que eu tivesse que responder cem vezes a mesma coisa. O importante era elas estarem fazendo. Eu sempre cuidava também, tem que ter um cuidado maior com elas do que as aulas presenciais. Então, elas têm que se sentir mais à vontade. Tem que praticamente pegar elas pela mão e dizer para entrar aqui, vai assistir por aqui e vai fazer assim. Eu tinha que mostrar era fácil e elas teriam como acompanhar as aulas.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Para Renato e Ana Paula o acesso foi tranquilo, uma vez que bastava clicar num link que abriria a aula. Nas aulas da Ana Paula, bastava entrar no Instagram e ir diretamente no seu perfil. No caso do Marcelo, tornou-se um pouco mais complexo, pois a aula era transmitida por um grupo no Facebook. Com isso, o aluno tinha que entrar no face, achar o grupo, achar a live e participar. Inclusive tiveram relatos de

alunos que clicaram na aula achando que era a aula ao vivo, mas só após concluírem a aula perceberam que era gravada.

Acredito, a partir do que aconteceu no meu caso como professor, que o maior desafio aos professores, que optaram em migrar para as aulas online, foi o de manter os alunos por um período longo nas atividades online, as quais não eram comuns no seu dia a dia. Com isso, indaguei-os sobre a permanência desses alunos que haviam entrado no grupo no início da pandemia. As respostas deles seguiram a tendência de outros professores, que de maneira informal, relataram-me que o número de alunos das suas aulas online também foram baixando com decorrer do tempo.

Marcelo citou dois pontos como fator de desistência das aulas: falta de dinheiro e alunos saturados de estar há tanto tempo fazendo as aulas em casa.

Alguns acabaram saindo, até porque, justamente pela questão do tempo que a gente já tá em casa e também financeiramente, né? Por começar a reter um pouco mais de dinheiro, por estar em casa mais tempo sem poder trabalhar; sem poder receber normalmente. Tiveram muitas pessoas que fiz propaganda e também disseram: “se fosse gratuito eu faria”. Eu expliquei para todas que, infelizmente, eu não poderia fazer as aulas gratuitas porque era meu ganha pão. Se eu tivesse outra renda, eu, com certeza, daria essas aulas gratuitas. Mas, como essa é minha única fonte de renda, não poderia abrir a mão de cobrar pelas aulas.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Renato citou três pontos como possíveis motivos para seus alunos terem saído das aulas online: reabertura das academias, falta de dinheiro e saturação pelo excessivo tempo de atividades em casa.

No início da pandemia, como foram restritas as atividades, muitas pessoas migraram para as aulas online para manter algum tipo de atividade. No dia dessa entrevista, passaram praticamente sete meses, muitas coisas mudaram desde o início do isolamento social. As academias aos poucos já estão retornando e isso fez com que os alunos online caíssem ao natural. Outro fator é o dinheiro: Estamos vendo que pessoas não conseguiram retomar seu trabalho de maneira integral e em algum momento, faltaria dinheiro e um dos primeiros cortes pode ter sido a minha aula; e outro fator é a saturação. Muitas pessoas já não aguentam mais ficar em casa olhando para uma TV. Elas querem aquela energia, aquele calor de uma sala de aula.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

No caso de Ana Paula, como não aderiu aos grupos fechados, ela não tinha o controle de quem estava ou não estava participando das aulas, mas em números de pessoas assistindo suas lives, ela percebeu que diminuiu significativamente.

O que percebo é que as pessoas acompanhando minhas aulas vêm baixando. Eu só não sei o porquê e nem quem está deixando de fazer, pois eu não tenho o controle de quem faz as aulas ou deixam de fazer. Acho que deve ser porque o pessoal tá cansando mesmo das aulas assim.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Quanto ao domínio das mídias sociais, todos dominavam bem. Eles nunca tinham usado as plataformas digitais para transmissões de aulas, mas para outras funcionalidades usavam com frequência. Eles usavam Facebook, Instagram e Whatsapp para publicar materiais referente às aulas e fazer a divulgação das aulas online. Nenhum deles investiu financeiramente para divulgar suas aulas e nem em material para as transmissões, eles apenas utilizaram o que já tinham de estrutura nos lugares que davam as aulas.

Quanto ao retorno financeiro, cada um dos três teve resultados diferentes. Como já foi citado anteriormente, a professora Ana Paula não se preocupou em cobrar dos seus alunos, pois tinha apoio dos seus pais para se manter e optou em oferecer as aulas gratuitamente. Marcelo e Renato cobraram e atingiram resultados diferentes quando comparado as aulas presenciais.

Para Renato, financeiramente, a pandemia lhe trouxe um maior retorno.

Quando planejei migrar para as aulas online, pensei que seria só uma alternativa que me daria condições de arrecadar algum dinheiro. Porém, logo que comecei a divulgar as aulas, as alunas foram contratando o meu serviço e quando vi, já estava com um salário maior do que eu ganhava nas academias.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Ao contrário do que aconteceu com o outro entrevistado, Marcelo teve uma perda financeira com as aulas online.

Menor do que seria nas aulas presenciais. Hoje em dia eu ganho o valor de três academias. Reduziu bastante. Posso dizer que eu ganho um pouco mais da metade que eu ganhava.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Pelo que pude observar no relato dos entrevistados, Marcelo até divulgava as aulas nas redes sociais, mas não era de uma maneira muito eficiente, pois ele mesmo falou que não divulgava o suficiente para trazer mais alunos. Quando o questionei o porquê de não divulgar para ter mais alunos, ele me respondeu que preferia continuar apenas com os seus alunos que vinham do presencial, a fim de manter a qualidade das aulas.

Renato investia mais na qualidade das divulgações. Sempre trazia atrativos diferentes nos seus anúncios, que de certa forma, atraia a atenção do público. Afirmando isso, pois eu tinha acesso às suas postagens e divulgações. Portanto, o retorno financeiro nesses casos, foram de acordo com o que cada um produziu e almejou para as suas aulas online.

Com as academias reabrindo, os professores já tratam de reorganizar a grade de horários. Com exceção da professora Ana Paula, os outros entrevistados pretendem continuar desenvolvendo o trabalho online. A diferença é que eles farão dessas aulas um complemento de renda e não contarão como renda principal. Renato pretende utilizar todo o material que ele gravou no período de pandemia e montar aulas de maneira diversificada. Já Marcelo, continuará com lives, mas em horários alternativos, de acordo com a grade de horários das academias que ele trabalha.

Com tudo que foi apresentado até esse momento, ficou claro que cada um dos professores adotou estratégias diferentes para lidar com as aulas no período de pandemia. Após o primeiro decreto, o qual fechava as academias, eles trilharam por caminhos diferentes e, conseqüentemente, obtiveram resultados diferentes também.

Ana Paula não demonstrou interesse em fazer as aulas online para grupos fechados igual fizeram Marcelo e Renato. Ela optou em fazer aulas esporádicas, sem assumir o compromisso de dar aulas fixas durante a pandemia. Os outros, cada um ao seu tempo, iniciou as atividades com um grupo fechado, o qual para fazer parte, o aluno deveria investir o valor de cinquenta reais.

Eles também optaram por plataformas e métodos diferentes para transmitir suas aulas. Ana Paula escolheu fazer lives através do Instagram para o público em geral; Marcelo, lives pelo Facebook para um grupo fechado; e Renato aulas gravadas, as quais eram disponibilizadas pelo Youtube, somente para aqueles que contrataram seu pacote de aulas online.

As estratégias que eles adotaram girou em torno da necessidade e no que eles acreditavam que seria o melhor para as aulas.

Visando uma boa qualidade das aulas, associada ao retorno financeiro, acredito que o sistema adotado pelo Renato é o mais indicado. Com as aulas gravadas, ele consegue entregar uma boa qualidade de imagem e som. Além disso, consegue fazer edições e entregar um produto com alta qualidade.

O método adotado pelo Marcelo é o mesmo que eu adotei para as minhas aulas online. Entendo que é uma escolha de alto risco, pois fazer uma aula ao vivo, você corre o risco de faltar energia elétrica, cair a conexão da internet, o som não funcionar, dentre outras coisas. Essa situação da queda de luz aconteceu em uma das aulas do Marcelo. Faltou energia elétrica e ele teve que aguardar o retorno para dar continuidade na aula.

Nesse momento, falarei um pouco da minha experiência com aulas coletivas e as percepções que tive dessas aulas online durante a pandemia.

A minha escolha pelas aulas ao vivo vai ao encontro do que o professor Marcelo e Ana Paula pensaram: fazer da aula, a mais próxima possível da realidade em que vivíamos nas academias. Mesmo com os riscos citados, nós temos a interação instantânea com o aluno; conseguimos dialogar, mesmo que seja pelo chat da plataforma de transmissão; e o aluno também consegue buscar uma motivação maior ao saber e ver que tem mais alunos acompanhando a aula naquele momento

Quanto aos locais escolhidos para dar as aulas online, seria na casa de cada um, caso o professor Renato tivesse espaço suficiente na sua residência. Marcelo e Ana Paula conseguiram ajustar o espaço em suas casas para darem as aulas. Porém, Renato, teve que buscar apoio de uma academia para poder gravar. Ele comentou que ia para a academia e gravava as três aulas da semana no mesmo dia. Isso gerava um desgaste físico, pois gravava uma atrás da outra. A vantagem

disso é que ele preparava o material para a semana toda e ficava apenas com o trabalho da edição para fazer em casa.

Quando escolheram a plataforma de transmissão, eles tiveram que pensar se seria de fácil acesso aos seus alunos. Como os primeiros alunos foram os mesmos que já faziam as aulas presenciais, o contato e as explicações necessárias foram fáceis de passar a todos, pois eles usaram os mesmos grupos de Whatsapp da turma para dar as orientações. Para os alunos novos que vieram com o tempo, eles davam as mesmas explicações através do meio que o aluno entrasse em contato com eles.

Com o passar dos meses, o número de alunos foi caindo gradativamente. Isso já era esperado por todos, pois eles estavam cientes que com a flexibilização e reabertura das academias, os alunos tenderiam a retornar para elas e deixariam de fazer as aulas online. Porém, outros motivos foram citados pela desistência de alguns alunos: dinheiro e desmotivação para fazerem as aulas em casa.

As mídias sociais tiveram importância para transmitir e divulgar as aulas. Eles faziam posts, chamadas para promover suas aulas e suas páginas. Pelo que foi visto, o professor Renato foi o que teve o maior retorno nesse período de pandemia. Diferentemente do que relatou o professor Marcelo, Renato chegou a superar os valores que ganhava trabalhando presencialmente.

Com o retorno das atividades presenciais, Renato e Marcelo pretendem continuar com as aulas online, porém, não levarão essas aulas como renda principal. Ambos tratarão as aulas online como um complemento de renda.

Após conhecermos as trajetórias e suas relações de trabalho antes e durante a pandemia com as aulas online, agora iremos saber como está sendo o retorno gradativo das aulas presenciais.

Após longos meses de atividades online, algumas academias e outros espaços começaram a reabrir e atender seus clientes. Mais especificamente nas academias, as salas de musculações vêm funcionando com limite de pessoas, assim como as aulas coletivas. Entretanto, nem todas as academias que os entrevistados trabalham reabriram, mas em algumas eles já voltaram a desenvolver suas atividades.

Os profissionais entrevistados, basicamente, relataram os mesmos desafios do retorno as atividades: máscara, dificuldades para respirar e limitação de alunos na sala.

Com a Ana Paula, além desses fatores citados, ela teve outra dificuldade quanto retornou para a academia:

Olha! O que aconteceu foi que as alunas não gostaram das músicas novas, mas eu fiz que não percebi que elas não gostaram da aula. Outra coisa que atrapalhou foi a máscara, ela pois diminui nosso oxigênio. Isso é um grande complicador nesse retorno das aulas presenciais.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Marcelo descreveu da seguinte maneira o retorno as aulas presenciais:

Preocupação de como estaria as aulas; o nervosismo por estar tanto tempo longe das academias; e o desafio maior é a máscara. A gente voltou, mas voltou usando a máscara. Tem aquela coisa no nariz: não dá para dançar direito, respirar. Tem que dar um tempinho para elas se recuperar entre as músicas. Tirando isso tá tranquilo. A turma tá bem! Tá interagindo bastante. As coisas estão voltando ao normal. Os alunos estão percebendo isso e já estão voltando.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

As colocações de Renato foram muito parecidas com as descritas por Marcelo:

Quando eu fui chamado para retornar as aulas presenciais, eu sabia que seria diferente. Eu já imaginava que a máscara seria um problema no início, mas que depois nos adaptáramos. Com as limitações que a máscara nos impõe, tive que dar uma adaptada nas aulas: tive que dar um intervalo entre uma música e outra; diminuir um pouco a intensidade da aula; e me adaptar em ver a sala com bem menos pessoas. Sei que é necessário isso, mas me faz falta ver a sala lotada.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Marcelo e Renato trouxeram outro ponto bem importante em relação ao retorno: a interação com os alunos. Para eles, essa interação que é tão importante na aula acabou se perdendo um pouco. Conforme relataram, o grande causador

disso é a limitação da máscara, pois além de não sair o som, as pessoas ficam mais cansadas e, conseqüentemente, estão fadigadas para gritar e agitar mais as aulas.

Eu acho que mudou a interação com eles, principalmente pelo fato de estar em casa. Todo mundo, muito tempo sem se ver, sem brincar. Acho que agora, a gente voltando, acredito que a gente ficará mais próximo. O contato será maior. Digamos que seja uma saudade.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Renato complementa da seguinte maneira:

Eu gosto da aula agitada, mas com a limitação que a máscara está nos impondo, fica difícil exigir que os alunos sejam mais ativos durante a aula. Se nós [professores] cansamos, imagina aquele aluno que não fez nada na pandemia e aquele que já vem da sua rotina de trabalho e vai para a aula de Zumba no final do expediente. Realmente é bem difícil, mas vamos nos adaptando e adotando estratégias para diminuir o impacto que a máscara vem nos impondo.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Com o retorno das atividades, os professores estavam com receio dos alunos não retornarem às aulas, porém, eles falaram que vêm lotando, inclusive, pessoas estão ficando de fora por falta de espaço na sala.

Marcelo trouxe uma observação interessante referente ao perfil das pessoas que estão retornando:

Um fato interessante é que a grande maioria das pessoas que estão retornando, são aquelas que não acreditam que essa doença é tão perigosa e contagiosa como estão noticiando.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Analisando essas questões apontados pelos entrevistados, em relação aos alunos que estão aos poucos voltando as atividades presenciais e aqueles que optaram nesse momento em manter as aulas virtuais, é possível verificar que está muito ligado à sua percepção da pandemia e da sua dimensão.

Essa relação que foi tratada no parágrafo anterior, pode ser explicada no artigo de Pitanga, Beck e Pitanga (2020), estudo o qual já foi apresentado no referencial teórico desse trabalho. Para eles, a falta de atividade física, somada ao comportamento sedentário, correlaciona-se diretamente com a saúde do indivíduo. Dessa forma, buscar pela prática de atividade física, pode ser uma forma de aumentar a imunidade do seu corpo, diminuindo assim, a chance de ser contaminado pelo vírus. Isso pode ser um dos fatores que fizeram com que esses alunos retornassem as atividades nas academias

Agora, apresento a seguir, as palavras que cada entrevistado deixou ao final da entrevista:

Lucas, só quero deixar bem claro que pessoas que estão fora do perfil ideal para esse ambiente, têm seus valores e também são detentores de conhecimento técnico. Por isso, nunca deixem de se sentirem importantes onde quer que vocês estejam.

(trecho da entrevista do Ana Paula realizada em 10 out. 2020).

Deixo aqui o meu recado, quanto a licença que nós instrutores de Zumba pagamos todos os meses para podermos dar essa modalidade. Para quem não sabe, todos os meses nós pagamos um valor, que não é baixo, para sermos licenciados e receber materiais da Zumba. E eu acho errado quando colegas, que não são licenciados pela Zumba, denominam suas aulas de Zumba, a fim de trazer pessoas para suas aulas. Se querem dar uma aula que não é de Zumba, por favor, mudem o nome de suas aulas.

(trecho da entrevista do Renato realizada em 08 out. 2020).

Aqui vai uma reflexão muito interessante do professor Marcelo:

O que dá para se tirar de bom dessa pandemia é que dá para fazer as aulas mesmo pela internet. Ela acabou aproximando as pessoas. As academias que eram quatro ou cinco, acabaram virando uma única turma. Elas nunca se juntaram, exceto nos aulões, e mesmo assim, conversam nas aulas como se conhecessem.

(trecho da entrevista do Marcelo realizada em 26 set. 2020).

Analisando os relatos dos entrevistados, é possível perceber que entre as suas maiores preocupações está a limitação que as máscaras os impõe. Isso parece ser o maior complicador no retorno das aulas presenciais. Aliás, há um fato que não apareceu nas entrevistas, que é a preocupação com o contágio da doença. Apenas

o Marcelo fez um comentário sobre a doença, mas nada referente ao receio e aos riscos que esse vírus pode nos causar. Nesse sentido, vale aqui uma reflexão sobre os pontos de maior importância para esses profissionais em seu cotidiano de trabalho, relacionando o incômodo do uso da máscara e uma preocupação menor com a propagação da doença.

Ao final, cada um fez as suas colocações e o que chamou minha atenção foram os pedidos de Ana Paula e Renato: a primeira pedindo para os professores que estão fora do perfil [dos padrões corporais das academias] se sintam importantes nos ambientes fitness. Isso mostra o quão forte é essa questão da padronização dentro da educação física e cabe a nós, professores, ajudar a quebrar esse tabu dentro das academias.

Renato trouxe outro ponto importante que é sobre a marca Zumba. O apelo é que pessoas que não são licenciadas, não usem o nome de maneira indevida para suas aulas. Quem pode usar, paga por esse valor e passou por um processo de qualificação para ser um licenciado da marca. Portanto, é necessário que haja um pouco mais de consciência dos professores que agem de maneira errônea, usando o nome da marca indevidamente.

Para finalizar, a reflexão do Marcelo foi muito bem colocada, quando disse que pessoas que nunca se viram pessoalmente, criaram um vínculo de amizade através das aulas virtuais. Essa situação, provavelmente foi criada, porque o professor teve a capacidade de conduzir muito bem essa nova realidade que a pandemia nos impôs.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho de conclusão de curso, relacionando a uma pesquisa bibliográfica e entrevistas com profissionais da área da educação física, foi possível perceber de que forma a pandemia impactou, profissionalmente, a vida das pessoas entrevistadas.

Esse trabalho foi muito positivo no sentido que me proporcionou uma aproximação com o cotidiano desses outros profissionais, comparando com a minha própria experiência e rotina de trabalho que foram alteradas de forma não planejada nesse período excepcional que tem afetado todo o mundo.

Nesse sentido, analisando as entrevistas, foi possível perceber que os principais desafios apontados por esses profissionais afetados pela excepcionalidade da pandemia foram: a falta da interação com os alunos; a dificuldade de encontrar a melhor estratégia para transmitir as aulas; e reter os alunos por um período tão longo de tempo nas aulas virtuais. O que não está isolado de outros profissionais inseridos no mercado de trabalho, que também tiveram a sua rotina profissional abalada, tendo necessidade de buscar novas alternativas para superar essa crise.

Através dessas entrevistas e da experiência, pude relacionar o cotidiano profissional com a formação acadêmica e com a importância do trabalho desenvolvido por esses profissionais, não apenas aos aspectos físicos, de treinamento e preparo físico, mas também a questões sociais e emocionais que estão diretamente presentes na relação professor-alunos. Essas aflições, conflitos, desafios e motivação para se reinventar, apresentadas por esses profissionais em suas falas, demonstram o relevante papel dessa profissão em nossa sociedade.

Mesmo tendo essa importância na sociedade, esses professores encontram sua profissão em constante desvalorização. O que vimos através dos relatos, é que eles se desdobram para cumprir seus compromissos nas academias, tiram dinheiro do próprio bolso para seu transporte e alimentação, e mesmo assim, são mal remunerados.

Assim, esse trabalho de conclusão de curso é uma pequena tentativa de aproximação da realidade em tempos de pandemia, humanizando as experiências e relatando o cotidiano de três profissionais, de forma pontual e objetiva. Nesse

sentido, embora em pequena escala, este estudo foi fundamental para compreender a importância de ouvir e relacionar essas falas.

Estamos vivendo uma situação nova, não planejada e que causará muitos efeitos em nossa população, quer sejam negativos ou positivos. Muitas questões ficam ainda em aberto, sem respostas, mas que podem guiar novas pesquisas e observações dessa realidade, como o papel que a atividade física ocupará na vida das pessoas no pós pandemia e de que forma os profissionais de educação física poderão contribuir para a reconstrução individual e coletiva de suas áreas de atuação.

Finalizo esse trabalho num momento que muitas atividades já voltaram a sua normalidade. No entanto, muitas pessoas, por opção ou por fazerem parte dos grupos de risco, ainda não aderiram a essa nova realidade, optando por fazer suas atividades em casa. Ainda não há vacina. Ainda não há cura ou tratamento definitivo, mas as pessoas vão aos poucos retomando e reprogramando as suas rotinas, estando as atividades físicas e suas diversas formas de participação e treinos, incluídas nessas novas perspectivas.

REFERÊNCIAS

- CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. S. Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. *In: GRUBTS, S.; NORIEGA, J. A. V. (org.). Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação.* São Paulo: Vetor, 2004.
- COELHO FILHO, C. A. de A. As boas relações do profissional de ginástica em academia: a face num estudo de caso. *In: TORRES, M.; SANTOS, R. F. dos (org.). Lições de educação física 2.* Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2007.
- COELHO FILHO, C. A. de A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. *Movimento*, Porto Alegre, 2000.
- COELHO FILHO, C. A. de A. Fruto maduro? Caindo do pé? *In: TORRES, M.; SANTOS, R. F. dos (org.). Lições de educação física 1.* Rio de Janeiro, UniverCidade Editora, 2005.
- COELHO FILHO, C. A. de A. Educação física nas academias de ginástica: uma reflexão sobre a prática profissional. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16, CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, 2009, Salvador. [Anais...] Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2009/XVI>. Acesso em: 2020.*
- COSTA, Roberto; VIGÁRIO, Patrícia. A COVID-19 e o distanciamento social: quando a onda da internet substituiu a onda do mar para a prática de exercícios físicos. *Rev. Augustus*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p.357–369, jul./out. 2020.
- CUNHA, A. C. Os conteúdos físico-esportivos no lazer em academias: atividade ou passividade. *In: MARCELLINO, N. C.(org.). Lúdico, educação e educação física.* Ijuí: Unijuí, 1999. p. 149-159.
- ELY, Débora. *Após decretos incompatíveis, Marchezan faz alinhamento com Leite e anuncia regras mais rígidas.* Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/06/apos-decretos-incompativeis-marchezan-faz-alinhamento-com-leite-e-anuncia-regras-mais-rigidascbr5f27o0009016291vq8784.html> Acesso: 25 set. 2020, às 03:57.
- ESPIRITO-SANTO, G.; MOURÃO L. A auto-representação da saúde de professores de Educação Física de academias. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 27, n. 3, maio. 2006.
- FREITAS, D. C.; SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, p.959-974, out./set. 2011.
- FREITAS, D. C.; PALMA, A.; COELHO FILHO, C. A.; LÜDORF, S. M. A. O envelhecer na visão do profissional de Educação Física atuante em academia de ginástica: corpo e profissão. *Movimento, Porto alegre*, v. 20, n. 4, p. 1529, 2014.

FURTADO, R. P. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. *Pensar a Prática*, v. 10, n. 2, p. 311, jul./dez., 2007.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n. 1, 2004.

LIZ, C. M. *et al.* Aderência à prática de exercícios físicos em academias de ginástica. *Motriz*, Rio Claro, v. 16, n. 1, jan./mar. 2010.

LÜDORF, S. M. A.; ORTEGA, F. J. G. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. *Interface*, Botucatu, v.17, n.46, p. 661-675, jul./set. 2013.

MANFRO, J. N. M. Competências organizacionais para a fidelização de alunos: um estudo etnográfico em uma 'academia de bairro de Porto Alegre. *Tra*, p. 48, 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Academias de ginástica como opção de lazer. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 11, n. 2, jun. 2003.

MARCHEZAN e empresários não obtêm consenso e não há prazo para reabertura de atividades. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 22 jul. 2020. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/economia/2020/07/748996-marchezan-e-empresarios-nao-obtem-consenso-e-nao-ha-prazo-para-reabertura-de-atividades.html?fb_comment_id=3223883324300196_3228520560503139. Acesso em: 25 set. 2020, às 05:21.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MARTINS, M. C. O papel dos professores de Educação Física na permanência dos alunos em uma academia da cidade de São Leopoldo. *Revista da Graduação*, v. 1, n. 2, 26 set. 2008.

MINAYO, M. C. S. *Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação: o desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MODELO de Distanciamento Controlado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.rs.gov.br/carta-de-servicos/servicos?servico=1280#:~:text=Conforme%20o%20grau%20de%20risco,representados%20em%20todas%20as%20bandeiras>. Acesso em: 25 set. 2020, às 03:42.

PALMA, A.; JARDIM, S.; LUIZ, R. R.; SILVA FILHO, J. F. Trabalho e saúde: o caso dos professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. *Cadernos IPUB (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 13, jan. 2007.

PEREIRA, M. M. F. *Academia estrutura técnica e administrativa*. Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. *Folha informativa da COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 25 set. 2020, às 00:36
PITANGA, F. J. G.; BECK, C. C.; PITANGA, C. P. S. Atividade física e redução do comportamento sedentário durante a pandemia do coronavírus. *Arquivos Brasileiros de Cardiologia*, 11 maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0066-782X2020005007201. Acesso em: 2020.

O QUE É COVID-19. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>. Acesso em: 24 set. 2020 às 07:47.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto nº 55.118, de 16 de março de 2020. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/decreto-55118.pdf>. Acesso em: 24 set. 2020 às 07:47.

PORTO ALEGRE. *Decreto nº 20.505, de 17 de março de 2020a*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/porto-alegre/decreto/2020/2050/20505/decreto-n-20505-2020-decreta-situacao-de-emergencia-e-estabelece-medidas-para-os-estabelecimentos-restaurantes-bares-casas-noturnas-e-outros-para-enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-decorrente-do-novo-coronavirus-covid-19-no-municipio-de-porto-alegre>. Acesso em: 24 set. 2020 às 07:47.

PORTO ALEGRE. *Decreto nº 20.630, de 26 de junho de 2020b*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/decreto/2020/2063/20630/decreto-n-20630-2020-altera-o-inc-xv-e-o-8-do-art-12-o-7-do-art-13-o-caput-o-art-14-o-inc-iv-do-art-16-o-caput-e-o-2-art-17-inclui-o-3-no-art-14-no-decreto-n-20625-de-23-de-junho-de-2020-para-adequar-regras-com-relacao-a-academias-permitir-espacos-para-uso-de-coabitantes-e-readequa-padarias-e-lojas-de-conveniencias-e-da-outras-providencias#:~:text=Fica%20vedado%20o%20uso%20de,outtras%20%C3%A1reas%20de%20conviv%C3%Aancia%20similares.&text=PREFEITURA%20MUNICIPAL%20DE%20PORTO%20ALEGRE%2C%2026%20de%20jun>. Acesso em: 2020.

PORTO ALEGRE. *Decreto nº 20.683, de 10 de agosto de 2020c*. http://dopaonlineupload.procempa.com.br/dopaonlineupload/3548_ce_296906_1.pdf

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

SABA, F. *Liderança e gestão para academias e clubes esportivos*. São Paulo: Phorte, 2006.

SOBREIRA, R T. #BumbumNaNuca: musas fitness e construção do capital social no Instagram. *Revista Midiáticos*, Niterói, n. 1, p. 40, 1º sem. 2017.

TASCHNER, N. P. Gripe espanhola: 100 anos da mãe das pandemias Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/cientistas-explicam/gripe-espanhola-100-anos-da-mae-das-pandemias/>. Acesso em: 2020.

TOLEDO, E.; PIRES, F. R. Sorria! Marketing e consumo dos programas de ginástica de academia. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 29, n. 3, p. 51, maio 2008.

VERZANI, Renato; SERAPIÃO, Adriane. Contribuições tecnológicas para saúde: olhar sobre a atividade física. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, 5 ago, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232020000803227&script=sci_arttext#:~:text=%C3%A9%20a%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20de%20tecnologias,interven%C3%A7%C3%B5es%20cada%20vez%20mais%20precisas. Acesso em: 2020.

VILHENA, L. M. *et al.* Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n2/a14v34n2.pdf>. Acesso em: 2020.

APÊNDICE A – ESTRUTURA E ROTEIRO DAS PERGUNTAS APLICADAS NA ENTREVISTA

PERFIL

1. Nome:
2. Idade:
3. Formação acadêmica:
4. Qual sua área de atuação profissional?

TRAJETÓRIAS E SUAS RELAÇÕES DE TRABALHO ANTES DA PANDEMIA

5. Como chegou nessa área?
6. Inspirou-se em alguém?
7. Me relata como foi o seu início? Você lembra das primeiras aulas que deu?
8. Quais as estratégias que adotou?
9. Antes da pandemia você atuava em quantos estabelecimentos?
10. Me conta a sua rotina de professor/a? (na preparação das aulas, no que era necessário para dar uma aula? Qual a relação que você tinha com seus/suas alunos/as?)
11. Qual a visão da(s) academia(s) sobre suas aulas?
12. Você se sente valorizado?
13. Os alunos te valorizam?
14. Você acha que seu setor de trabalho é tão valorizado quanto os outros da academia?
15. Se você fosse gestor por um dia, o que você faria de diferente nas suas aulas?

ROTINA DE TRABALHO DURANTE A PANDEMIA

16. Qual foi suas primeiras ações quando saiu o primeiro decreto fechando as academias?
17. Como você se organizou para continuar atuando profissionalmente na pandemia?
18. Você migrou para as aulas online?
19. Se sim, como foi essa experiência?
20. Onde você dá suas aulas online?
21. Suas aulas são gravadas ou ao vivo? Por que escolheu uma e não a outra?
22. Já tinha dado aula virtual antes?
23. Quais ações você precisou/precisa fazer para dar aulas online?
24. Para quem você dava aulas (Seus alunos das academias aderiram facilmente esse tipo de aula)?
25. Os alunos que começaram com você nas aulas online ainda continuam?

26. Suas aulas online são em parceria com alguma academia?
27. Você teve que investir em algum material para dar as aulas?
28. Como era teu domínio com mídias sociais antes da pandemia?
29. Me conta como foi a sua primeira aula online?
30. Como você prepara as suas aulas? (é diferente da época presencial)?
31. Como foi para seus alunos acessarem as aulas?
32. Como foi para seus alunos fazerem aulas em casa?
33. Como foi o seu processo de marketing?
34. Como foi o seu processo de administração/financeira para essas aulas?
35. Em relação ao período antes da pandemia e com as aulas virtuais como você compararia o seu retorno financeiro.
36. Você pensa em continuar com as aulas online mesmo depois de tudo normalizado?
37. Seus alunos pensam em continuar com as aulas online mesmo depois de tudo normalizado?
38. Olhando para esses 7 meses de pandemia quais foram seus maiores desafios?
39. Se for continuar online quais desafios você imagina que irá enfrentar?

O RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS

40. Ao retornar as aulas presenciais quais estão sendo seus maiores desafios?
As aulas continuam como era antes? O que mudou?
41. Como foi a tua primeira aula após as aberturas de academias?
42. Você continua com virtual?
43. Tem alguma situação que você quer me relatar e eu não te questioneei?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada (o) a participar de um estudo sobre a transição na vida pessoal e profissional dos professores de ginástica coletiva no período da pandemia.

Você irá participar de uma entrevista via Zoom e, se possível, presencialmente, previamente agendada no dia e horário combinado. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.

Todas as informações coletadas estarão sob a responsabilidade da pesquisadora e será preservada a identidade dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidos de utilização não autorizadas.

A recusa do participante em seguir contribuindo com o estudo será respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, se assim for o seu desejo, a qualquer momento.

Eu, _____ aceito participar desse estudo.

Porto Alegre, ___ de _____ de 2020.